

CARTA DO
LIBANO

Especial

**CHARLES
LOTFI**

**SABEDORIA
LIBANESA E
ALMA MINEIRA**

UM NOVO VEÍCULO
DE INFORMAÇÃO COM
FATOS E PERSONAGENS
MARCANTES DA
VIDA NACIONAL



CADERNO DO
BRASIL

Site: www.cadernodobrasil.com.br
Email: contato@cadernodobrasil.com.br
Fone: 11 3129.2971



CARTA DO LÍBANO LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA · ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
TATIANA CASSER CSORDAS
ROSE LANE CÉSAR

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3129.2971

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - C.J. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
CHARLES LOTFI
FOTO
ARQUIVO CARTA DO LÍBANO

EDITORIAL

A MEMÓRIA DO GUARDIÃO

Toda época carrega seus problemas e valores. E os promotores desses valores costumam ser as pessoas mais tocadas pelos momentos dramáticos de seu país e sociedade. Charles Lotfi, nosso homenageado nesta edição, segue a regra, tendo sido a maior voz libanesa do Brasil ouvida em todo o mundo, entre 1981 e 2010. Ele levantou a bandeira da liberdade e da soberania em defesa da terra dos cedros.

Lotfi pertencia à elite libanesa que defendeu a independência e a unidade do povo e do território libaneses. Assim como o professor e empresário Nami Jafet, o jornalista Chucri Curi - do jornal "Esphinge" - e o escritor Mansour Challita, que influenciaram e lutaram pelo Líbano no Brasil, de 1893 até os nossos dias.

Conheci Charles Lotfi na década 1990 e rapidamente estreitamos uma amizade de três décadas. Não esqueço o dia quando me apoiou e acompanhou até a gráfica do jornal "Diário do Comércio", em Belo Horizonte, para lançar a primeira edição da Carta do Líbano, em abril de 1995. Também recordo nossos almoços longos no Minas Tênis Clube, conversando sobre tudo que se relacionava à causa libanesa, inclusive sobre o pensamento de Charles Malik, filósofo e diplomata libanês, o redator da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948.

Vale lembrar a grande cooperação entre Lotfi e o então embaixador do Líbano no Brasil, Gazi Chidiac, na década de 1990, que rendeu muitos e efetivos resultados para a causa libanesa, impulsionando os trabalhos da Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras.

Com esta modesta homenagem a Charles Lotfi, procuramos resgatar sua brilhante trajetória. Infelizmente a pandemia não me permitiu pesquisar seu arquivo pessoal, em Belo Horizonte, porém consegui reunir depoimentos de amigos e colaboradores, do Brasil inteiro, para dizer que Charles Lotfi será eternizado na memória da diáspora libanesa.



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

@cartadolibano

@cartadolibano

SUMÁRIO

ANO 26 • NÚMERO 180 • 04.2021

CARTA DO
LIBANO



06 | Cartas

08 | Especial Charles Lotfi

Ao longo de sua vida, Charles Lotfi se dedicou de corpo e alma ao trabalho edificante na luta pela causa libanesa. sem jamais esquecer seu amor pelo Brasil

16 | A joia da coroa

Em uma trajetória dedicada à educação, à cultura e ao bem comum, Charles Lotfi, a Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras representou sua maior conquista na união e cooperação entre seus dois amores: Líbano e Brasil

18 | Salim Mattar

O grande amigo

20 | Roberto Duallibi

Charles Lotfi, personagem do destino

24 | Ricardo Malcon

Uma personalidade inesquecível

26 | Armando Carmo Couri

Um ilustre filho do Líbano

28 | Aguinaldo Diniz Filho

Um homem iluminado

30 | José Anchieta da Silva

O dom da palavra e da sabedoria

32 | Paulo Nagem

A um amigo que se vai

33 | Alfredo Cotait

De corpo e alma

34 | Carlos Jafet Júnior

O apelo à liberdade

35 | Dom Edgard Madi

Orgulho da comunidade libanesa no Brasil

36 | Joseph Franciss

A causa libanesa como projeto de vida

38 | Mohamad Khodr

Na esfera do poder, em Brasília

39 | José Maria Aburachid

A missão de amor e patriotismo de Charles Lotfi

40 | Sílvia Lotfi

O pai de família e o homem público

42 | Júlio César Fraiha

Além da política e da ideologia

44 | Habib Tamer Badião

Grandes homens sonham realizando

46 | José Luiz Janot

Um legado que permanece

47 | Joseph Riachi

Um homem singular

48 | Antônio B. Chehin

O criador da 'libanidade'

50 | José Osvaldo Lasmar

Charles Lotfi, shukran!

52 | Viviane Andreia Ribeiro

O chefe querido por todos

54 | Roberto Habib

O guardião do libanismo no Brasil

57 | Paulo Sarkis

Charles Lotfi, um retrato pessoal

60 | Joseph Kerbej

Um bom amigo

60 | Gaby Amine Madi

O Líbano é uma mensagem

61 | Nacib Hetti

Nosso amigo Charles

62 | Antônio Maluf

Um verdadeiro estadista



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ • AGÊNCIA 0186 • CONTA CORRENTE 09161-7

CARTAS

“Parabéns, Fouad Naime, pelo excelente trabalho patriótico e de amor aos irmãos libaneses! Sou filho de libanês com muito orgulho!”

Alberto Fuad
Salvador, BA

“Parabéns! Você, Fouad, é o grande elo entre a nossa comunidade.”

Hanna Mtanios Hanna Junior,
cônsul honorário do Líbano
Goiânia, GO

“Parabéns, Fouad Naime! Você, realmente, faz a diferença. Sucesso sempre para a nossa Carta do Líbano. Um abraço.”

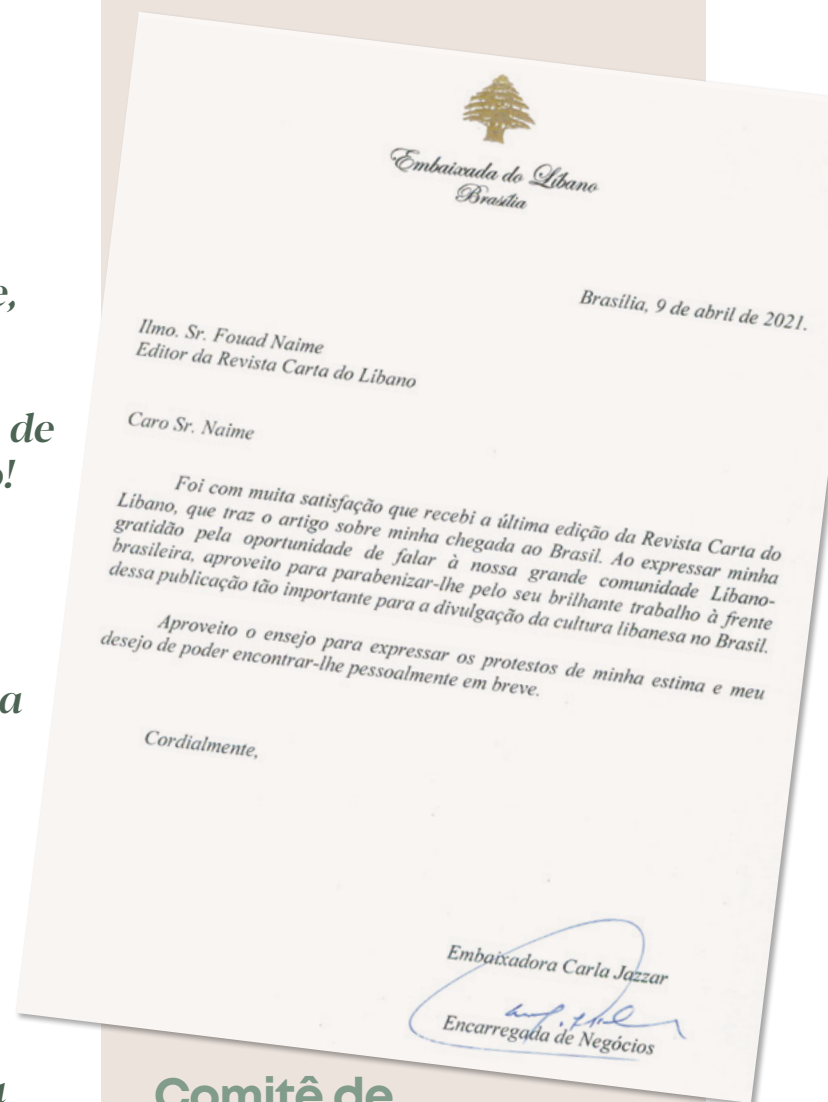
José Alberto Metri Pinto
Palma, MG

“Parabéns, sr. Fouad. Com certeza o nosso elo com nossa embaixadora Carla Jazzar.”

Tarek Sarout
São José do Rio Preto, SP

“Parabéns, Fouad. A revista Carta do Líbano tem sido um divisor de águas para a difusão da cultura libanesa.”

Edmo Atique Gabriel
São José do Rio Preto, SP



Comitê de boas-vindas

A sra. Carla Jazzar, a nova embaixadora do Líbano no Brasil - primeira mulher a ocupar o cargo - falou para Carta do Líbano com exclusividade sobre expectativas e planos para sua gestão. Em carta ao editor Fouad Naime, a diplomata saúda a importância do veículo de comunicação da grande colônia libanesa no Brasil.



Dr. Edmo Atique Gabriel

CRM 105226

CIRURGIÃO CARDIOVASCULAR E PALESTRANTE

Atendimento premium nas cidades
de São José do Rio Preto,
São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

CONTATOS

E-MAIL: dredmogabriel@gmail.com

SITE: doutorgabrielcardio.com.br

INSTAGRAM: [@edmoagabriel](https://www.instagram.com/@edmoagabriel)

BLOG: coracaomoderno.com.br

ESPECIAL CHARLES LOTFI

CHARLES LOTFI

SABEDORIA LIBANESA E ALMA MINEIRA

Ao longo de sua vida, Charles Lotfi se dedicou de corpo e alma ao trabalho edificante na luta pela causa libanesa. Sem jamais esquecer seu amor pelo Brasil



Charles Lotfi foi o maior líder da comunidade libano-brasileira nos últimos 40 anos

Filho de pais libaneses, Charles Lotfi nasceu no Brasil em 1929. Dos seus 91 anos de vida, morou no Líbano entre os 10 e os 17 - experiência que o marcaria para sempre. Na terra de seus antepassados ele aprendeu, e assumiu as qualidades da disciplina, do rigor e da sabedoria do montanhês. Essa característica forjou o empresário de sucesso, com uma experiência diversificada em várias regiões do Brasil. “O montanhês tem o mesmo jeito de sentir, de trabalhar, de pensar, é muito apegado à família, é muito devoto e disciplinado. Então, desde menino, eu coloquei na minha cabeça: se eu seguisse uma linha reta em minha vida, com disciplina e rigor, eu ia longe. Sempre fui honesto, nunca precisei usar de meios escusos para sobreviver. Esse foi meu lema”, declarou certa vez.

Comportamento semelhante ao povo das montanhas libanesas Charles Lotfi encontrou nos mineiros, sobretudo os de Belo Horizonte, cidade que escolheu para fincar raízes depois de deixar sua cidade natal, Corumbá - no Mato Grosso do Sul - e ter passado algum tempo em São Paulo. A capital mineira foi seu lar por 54 anos, ao lado da mulher, Clodette Lotfi, e dos três filhos: Miguel Tadeu, Olga Maria e Silvia Rosa. “Foi amor à primeira vista. Me apaixonei pela paisagem de Belo Horizonte, as montanhas, o ar. Isso é o Líbano! Minha família e eu fizemos muitos amigos aqui. Encontrei em Minas homens de pensar grande, que vieram ao mundo com os genes do idealismo, da ética e do altruísmo”, exaltou para celebrar uma escolha de vida.

Além dos negócios no ramo imobiliário, Lotfi também desempenhou papel importante como articulador do empresariado local, exercendo

“O montanhês tem o mesmo jeito de sentir, de trabalhar, de pensar, é muito apegado à família, ...”

“Foi amor à primeira vista. Me apaixonei pela paisagem de Belo Horizonte, as montanhas, o ar”

diversas funções na Associação Comercial de Minas (ACMinas), da qual foi diretor entre 1975 e 1993. No ano seguinte, recebeu o título de Diretor Emérito, status vitalício na diretoria da casa, dedicado aos membros mais dedicados.

Durante sua sugestão foi criada a Fundação ACMinas, com o objetivo de ser o braço social da entidade, da qual ele foi o primeiro presidente a partir de 1996. Sobre a iniciativa, comentou: “Eu achava que era necessário ter um órgão voltado para a cultura e para os assuntos sociais porque sempre pensei que a educação pode mudar o mundo. Para mim, o papel do empresariado é mais amplo”.

Ele também atuou como vice-presidente da ACMinas durante a gestão de Eduardo Bernis, sendo em seguida eleito presidente para dois mandatos, exercidos entre 2007 e 2010. Sob seu comando, a entidade ampliou a oferta de serviços prestados aos associados e desenvolveu projetos de responsabilidade social. Assim, tornou-se figura respeitada e com trânsito livre entre políticos e diversas personalidades locais e nacionais.

Ainda à frente da entidade, implantou o projeto educacional inspirado em sua infância vivida no Líbano. Aos 10 anos, junto com os pais - Milhem Lotfi e Olga Abdi Lotfi - e a irmã mais nova, Carole, Lotfi conheceu a terra dos Cedros. Inicialmente, o plano da família era permanecer dois ou três meses no país, porém no dia em que desembarcaram no porto de Beirute eclodiu a Segunda Guerra Mundial. “Então eu, que nunca havia estado no Líbano e não falava árabe, fui matriculado na escola Al-Sharquia, da Igreja Greco Melquita. A disciplina era muito rígida. Estudávamos das 7 horas da manhã até às 19 horas. Só tínhamos o domingo para descansar”, lembrou Lotfi. No colégio, além do extenso currículo, aprendeu árabe, inglês e francês.



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA E ACMINAS

No alto, Clodette e Charles Lotfi ladeados pelos seus pais, Miguel Lotfi e Rosa Bardawil Lotfi, Olga Abdi e Milhem Lotfi. Acima, à esq., Charles entre as filhas, Silvia e Olga; à dir., Charles com seu filho Tadeu, a nora Suzy e os netos, Gabriel e Luana



No alto, Charles Lotfi recebe do então governador Alberto Pinto Coelho, o título de Cidadão Honorário do Estado de Minas Gerais, em 20 de novembro de 2009. Acima, durante a gestão de Charles Lotfi, o então vice-presidente da República, José Alencar, foi nomeado presidente de Honra de ACMinas, em 30 de julho de 2008, na presença do prefeito de Belo Horizonte, Ananias Patrus, e o ministro das Comunicações, Hélio Costa

FOTOS: ACMINAS

O retorno ao Brasil só ocorreu depois do conflito, em 1946. O rapaz de 17 anos veio sozinho, em busca de novas oportunidades, e a família o seguiu pouco tempo depois. Porém, o aprendizado dos tempos de colégio permaneceu em sua memória e foi compartilhado com os brasileiros muitos anos depois, em Belo Horizonte. Como presidente da ACMinas, Lotfi formatou um modelo educacional que pudesse ser adotado pelas escolas públicas, tendo como principal proposta o ensino em tempo integral.

Para isso, convidou diversos nomes ligados à educação e organizou um grupo de trabalho para estabelecer um plano de reformas para ser apresentado à Prefeitura de Belo Horizonte e ao Governo do Estado de Minas Gerais. “Quando cheguei ao Brasil, vindo do Líbano, estranhei que os estudantes aqui só tivessem aulas ou pela manhã, ou à tarde ou à noite. Então, eu convidei diversas pessoas ligadas à educação que iam discutir, juntamente com a sociedade, mudanças no atual modelo”, explicou na ocasião.

A partir das diretrizes traçadas pelos especialistas, um projeto-piloto de ensino integral - Conspiração Mineira pela Educação - foi implantado, inicialmente em 2008, nas escolas do ensino fundamental da região do bairro Serra Verde, em Belo Horizonte. Até hoje centenas de escolas têm adotado o projeto apresentado pela ACMinas.

Em reconhecimento a essa iniciativa, foi criado em 2016 o Prêmio Charles Lotfi para escolas públicas que se destacam por boas práticas educacionais, na busca de soluções para os grandes desafios da área.

Em 2007 Charles Lotfi lançou o Movimento Mineiro pela Ética, com a ACMinas promovendo

O rapaz de 17 anos veio sozinho, em busca de novas oportunidades, e a família o seguiu depois

Em 2007 Charles Lotfi lançou o Movimento Mineiro pela Ética, com a ACMinas promovendo debates

uma série de debates abertos ao público. “Convidávamos pessoas reconhecidamente éticas em suas áreas: políticos, empresários e educadores para discutir o tema. Porque sempre achei que somente com mobilização social e com educação podemos alcançar o desenvolvimento econômico”, afirmava o empresário.

A visão mais ampla do papel do empresariado e o trabalho realizado à frente da ACMinas foram reconhecidos publicamente e renderam a Lotfi o título de Cidadão Honorário de Minas Gerais, em 2009. Igualmente foi condecorado com as medalhas da Ordem Nacional do Cedro, do governo libanês; da Ordem do Rio Branco, do governo brasileiro; e da Inconfidência, pelo governo de Minas Gerais.

O poder de articulação levou Lotfi a participar de forma dinâmica na Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras (Confelibra). Seu propósito era mobilizar as comunidades libanesas de todo o país e trabalhar pela visibilidade e difusão de suas raízes culturais. “Eu viajei muito pelo Brasil conhecendo as comunidades libanesas e gostei de muita coisa que vi. Descendentes de libaneses atuam em vários setores, existem representantes no Senado, na Câmara Federal, nas câmaras municipais, prefeitos no Brasil, em toda a parte”, observou.

Na biografia de Charles Lotfi, Brasil e Líbano são igualmente importantes em sua personalidade de trabalho e disciplina. “Sempre estive muito ligado ao Líbano e a tudo que eu aprendi lá. Mas quanto mais eu me lembro do Líbano, quanto mais eu tenho saudade do Líbano, dos bons tempos que eu passei lá, mais eu amo o Brasil”, fazia questão de ressaltar. E mostrava preocupação com as gerações mais jovens, para que nunca esquecessem as

raízes libanesas: “O Líbano não deve morrer para os descendentes dos libaneses. Nós não podemos abandonar nossas raízes”, dizia.

Em 21 de dezembro de 2020, Charles Lotfi morreu de causas naturais e foi sepultado no dia seguinte, no cemitério Bosque da Esperança, em Belo Horizonte. Ele deixou três filhos - Olga Maria, Miguel Tadeu e Sílvia Rosa - e dois netos - Luana e Gabriel - além de sua irmã, Carole.

Em janeiro deste ano, o governo de Minas Gerais pronunciou manifestação de pesar pela morte de Charles Lotfi, por iniciativa do deputado Gustavo Mitre, em reconhecimento ao legado deixado pelo empresário para a sociedade mineira.

A FAMÍLIA LOTFI NO BRASIL

Quando Milhem Lotfi, pai de Charles Lotfi, chegou ao Brasil em 1908, encontrou três tios que viviam em Corumbá desde 1880, trabalhando nos setores de navegação fluvial, comércio e indústria. A vinda para o Brasil se deu devido à repressão que os turcos exerciam no Líbano. De acordo com o relato de Lotfi, seu pai teve problemas quando um inspetor turco, em visita ao colégio onde ele estudava, ordenou que o rapaz falasse turco mas ele se recusou. Em represália, a autoridade ameaçou prendê-lo seis meses depois, quando voltaria ao colégio. “Meu avô, para evitar a prisão do filho, o mandou para encontrar os irmãos dele que moravam em Corumbá. Segundo ele, o Brasil era a terra da liberdade”, contou Lotfi.

Em Corumbá, a exemplo dos tios, Milhem Lotfi abriu seu próprio negócio de navegação fluvial em sociedade com um patrício também recém-chegado. “Ele tinha uma lancha de passageiros na rota Porto Esperança – Corumbá – Cuiabá. A lancha puxava duas chatas – embarcação

“Eu viajei muito pelo Brasil conhecendo as comunidades libanesas e gostei de muita coisa que vi”

Brasil e Líbano são igualmente importantes em sua personalidade de trabalho e disciplina

que carregava mercadorias. A viagem levava um mês, principalmente no tempo de seca”, dizia o empresário. O negócio estava indo muito bem até que Milhem, aos 39 anos, decidiu viajar pela Europa e visitar os pais no Líbano. Em sua terra, conheceu Olga Abdi, de 19 anos, com quem se casou, fazendo a promessa de que viveriam no país.

O casal veio ao Brasil com planos de vender a parte de Milhem na empresa e retornar ao Líbano. Mas o que encontraram mudou o destino da família. O sócio de Milhem estava mergulhado em dívidas e havia dilapidado o patrimônio da empresa. “Meu pai e minha mãe não puderam voltar. Então, permaneceram aqui para tentar recuperar o que tinham perdido”.

Lotfi lembrou que, apesar do desejo de sua mãe de voltar à sua terra, o pai amava o Brasil. “Os cinco filhos do meu avô, entre eles meu pai, vieram para o Brasil. Só ficaram no Líbano meus avós. Meu pai amava o Brasil. Ele tinha gratidão pela terra que o recebeu. Já a minha mãe sofria muito com a temperatura de 40 graus de Corumbá e sempre quis voltar ao Líbano, mas ela tinha um espírito de justiça muito forte e aguentou, acompanhou meu pai em todos os momentos”, dizia emocionado.

A vida do casal no Brasil não foi fácil, mas a família conseguiu superar a crise e criar dignamente os dois filhos. “Meu pai trabalhou contratando garimpeiros para extrair diamantes e voltou ao ramo de navegação fluvial. Ele sempre foi um homem bom e nunca prejudicou o próximo. Minha mãe era muito rigorosa e a educação que recebi teve muito a participação dela. Existe uma frase em francês: Aimez votre prochain: ‘Ame seu próximo’. Essa foi uma lição que aprendi com meus pais e sigo por toda a trajetória da minha vida”, Lotfi não deixava de frisar. ■



No alto, o clã Abdi: dona Nazle, ao centro, avô de Charles Lotfi, e, à dir., dona Olga e seu filho Charles. Sentados no chão, primos, à dir., a irmã Carole e os tios. Acima, o clã Lotfi: José Lotfi, Milhem Lotfi, (pai), Charles Lotfi, Jorge Lotfi, Miguel Lotfi (sogro), e Habib Lotfi

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

A JOIA DA COROA

Em uma trajetória dedicada à educação, à cultura e ao bem comum, Charles Lotfi, a Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras representou sua maior conquista na união e cooperação entre seus dois amores: Líbano e Brasil

A Federação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras nasceu, em 1981, da necessidade de marcar a presença libanesa em todas as unidades da Federação, através de uma mensagem de paz e fraternidade entre os homens, de respeito aos Direitos Humanos e de fortalecimento das relações em todos os níveis entre as duas nações. Por ocasião da 15ª Convenção Nacional, realizada dia 7 de abril de 2001 na cidade de Belo Horizonte, a Assembleia Geral aprovou novo estatuto, criando 26 federações estaduais e uma no Distrito Federal. No capítulo dos objetivos, o estatuto dá ênfase à preservação da identidade singular e privilegiada da nação libanesa e à divulgação da História e da Cultura milenares do Líbano.

Ao longo de sua existência, uma das ações mais marcantes da entidade foi a articulação, em nível internacional, para pressionar governos e organizações mundiais pelo fim da guerra civil no Líbano (1975-1990). O episódio foi assim lembrado por Charles Lotfi: “Em julho de 1981, um grupo



No final da década 1980, Charles Lotfi em audiência especial com o presidente João Figueiredo para discutir a grave situação no Líbano. Abaixo, Charles Lotfi foi grande amigo do vice-presidente da República, José Alencar



Em 1989, Charles Lotfi liderou um grupo de libano-brasileiros em uma viagem a Nova York, para defender a causa libanesa na sede da ONU



Charles Lotfi, o então presidente do TSE, ministro Carlos Velloso, e o editor desta revista, Fouad Naime, no Minas Tênis Clube, em Belo Horizonte, em dezembro de 2006



Reunião das entidades libano-brasileiras, em Belo Horizonte, em julho de 1981

de dirigentes e entidades do Rio, São Paulo e Belo Horizonte se reunia para identificar ações capazes de contribuir para pôr fim à guerra civil do Líbano. Naquele encontro, coordenado por José Elias Mourad, daria início à Federação. Assumimos um compromisso com a paz, a soberania dos povos e com a dignidade”.

Durante quatro décadas de existência, a entidade contabiliza mais de 20 convenções nacionais realizadas nas principais capitais e cidades brasileiras; três congressos internacionais, sendo um deles interamericano; duas visitas à sede da Organização das Nações Unidas, em Nova York - sendo a delegação recebida, pela primeira vez em 1989, pelo secretário-geral Perez de Culller e a segunda, em 1993, pelo secretário-geral Boutros Ghali.

Nesse processo, os integrantes da Federação também realizaram visita à sede do Congresso dos Estados Unidos - para contatos com deputados familiarizados com a causa libanesa - à sede da Secretaria de Estado americano, encontros com ministros das relações Exteriores do Brasil; audiência com quatro presidentes brasileiros -

João Figueiredo, José Sarney, Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso - e contatos permanentes com os então 46 senadores e deputados que compõem o Grupo Parlamentar Brasil-Líbano.

No setor cultural, instituiu o Prêmio Líbano Eterno - conferido a 12 personalidades - atuou em gestões permanentes em conjunto com autoridades libanesas no sentido da concessão da cidadania aos descendentes de libaneses em todo o mundo, editou e publicou em português o livro “Eu Escolho o Líbano”, do historiador libanês Ilfonse Sarkis; o segundo capítulo de “Formação e Continuidade da Nação Libanesa”, do livro “Evolução Histórica do Líbano”, obra do professor Nagib Dahdah; três edições da revista “Líbano”.

À frente da Confelibra, Charles Lotfi realizou tantas palestras e eventos relacionados à cultura e à história do Líbano, elaborou campanhas para a criação de Câmaras do Comércio Líbano-Brasileiras em todo o território nacional e para a criação de grupos de jovens (Julibra) - através do Conselho de Jovens de São Paulo em sintonia com as federações estaduais. ■

FOTOS: ARQUIVO CARTA DO LÍBANO

O GRANDE AMIGO

Mais que um vácuo na liderança das associações de classe e na mobilização da comunidade libanesa, Charles Lotfi deixou uma enorme saudade no coração daqueles que conviveram e aprenderam com ele

POR SALIM MATTAR

“**C**onheci Charles Lotfi no início dos anos 80. Coincidentemente, fomos convidados para o mesmo jantar e fomos os primeiros convidados a chegar, muito antes dos demais, e nos apresentamos.

Charles, elegantemente, estava vestindo um terno de linho branco, camisa branca e uma gravata com cores discretas. Alto, esbelto, um autêntico cavalheiro, se aproximou de mim e disse: “Meu nome é Charles, como você está?”. Nascia ali uma amizade que durou cerca de 40 anos. Próximo da piscina começamos a conversar enquanto inúmeros convidados estavam chegando. Ficamos conversando durante todo o jantar e parecia que já nos conhecíamos há muitos anos, amigos se reencontrando, tamanha empatia entre nós. Eu lhe apresentei algumas pessoas e ele fez o mesmo, mas continuamos conversando. Claro que falávamos de nossos ancestrais, do Líbano e da colônia. Essa era a sua conversa predileta.

Charles nasceu em Corumbá, mudou-se para Cuiabá, para o Líbano, para São Paulo e, felizmente para nós, escolheu Belo Horizonte para erradicar-se em definitivo, onde foi muito bem acolhido pela numerosa colônia de sírios e libaneses, bem como pelos belo-horizontinos. Querido por todos, transitava bem nos meios políticos, independentemente de partidos, fazia parte da elite empresarial mineira e atuou sempre em benefício do conjunto da sociedade. Tinha um forte espírito público.

Graças ao Charles passei a me interessar mais pelo Líbano, por sua história e por sua presença no Brasil. Muito educado, sempre me ligava perguntando se, após sua caminhada poderia, me visitar para tomarmos um café. Assim, nos víamos com certa frequência, pois o meu escritório ficava nas proximidades de sua casa.

Acabamos nos tornando bons amigos. Certa vez me convidou para almoçar em sua casa, onde conheci toda a sua maravilhosa família: sua mãe Olga, sua esposa Clodette, sua irmã Carole, o filho



Miguel e as filhas Olga e Silvia. Foi um agradável almoço de comida tipicamente libanesa. Por outro lado, ele frequentava jantares sociais em minha residência e passamos a ser mais que bons amigos.

Quando o vi pela primeira vez, imediatamente, por suas feições, sabia se tratar de um “batrício”. Homem culto, falava diversos idiomas e tinha grandes relacionamentos junto ao governo do Líbano e ao brasileiro. Ele foi próximo de todos os embaixadores do Líbano no Brasil e fazia questão de me levar a Brasília para conhecer cada um deles. Fundou e participou de diversas entidades de classe. Motivado por ele, fui visitar o Líbano pela primeira vez com minhas três filhas, em junho de 2012.

Charles deixa também um legado composto por uma maravilhosa família e muitos amigos que o apreciavam. Na verdade, permanecem aqui boas recordações e lembranças felizes de convívio com uma vastidão de pessoas. Pode ser que alguém goste muito do Líbano como Charles gostava, mas jamais alguém amou o Líbano mais do que ele. Sentiremos falta de sua presença física entre

“*Quando o vi pela primeira vez, imediatamente, por suas feições, sabia se tratar de um ‘batrício’. Homem culto, falava diversos idiomas e tinha grandes relacionamentos*”

nós, mas ele sabe que manteremos gratidão por todo convívio que nos proporcionou. Já estamos sentindo a ausência dele! ■

***Salim Mattar é empresário, ex-secretário de Desestatização do Governo Bolsonaro e presidente da Localiza**

CHARLES LOTFI, PERSONAGEM DO DESTINO

O amigo publicitário traça o retrato do grande articulador, especialista em unir pessoas em torno de ideais e causas. O criador da “libanidade”, ainda em curso entre libaneses e seus descendentes brasileiros

POR ROBERTO DUAILIBI

“Durante muitos anos, os libaneses que se espalharam pelo território brasileiro mantiveram uma solidariedade baseada em suas origens locais. Criaram clubes, asilos, hospitais, apoiaram escolas e igrejas, mas pouco se conheciam fora de suas cidades e estados.

De qualquer forma, quando alguém viajava pelo Brasil ou pela América Latina e, numa cidade ou até aldeia em que chegasse, e procurasse por algum patricio, era certo que seria acolhido com carinho.

Tal “irmandade espontânea”, no entanto, corria o risco de perder-se, já que uma terceira e até quarta gerações de descendentes esgotara, como é natural, o vínculo com suas origens, a ponto do próprio Líbano, nas décadas de 60 e 70, ser pouco conhecido pelos descendentes.

Foi quando surge Charles Lotfi.

Homem elegante, de porte agradável e com uma

alegria que contagiava, veio de Belo Horizonte para, em São Paulo, ajudar a unir os libaneses de todo o Brasil.

Trazia a experiência da administração de entidades classistas, principalmente da Associação Comercial de Minas Gerais, e sabia, como poucos, organizar reuniões, seminários, congressos.

Eu o conheci no dia em que adentrou minha sala, na DPZ, quando ainda tínhamos escritório na Avenida Brasil. Imediatamente me cativou com a explicação do que chamava de “sua missão” - criar uma entidade suficientemente forte no Brasil, para poder influir nos destinos do pequeno país de nossas origens. O Líbano corria o risco de ser absorvido por países vizinhos em conflito, num dos quais imperava uma ditadura das mais cruéis, baseada em polícias secretas que sequestravam e assassinavam opositores, destruíam famílias e estavam provocando um novo êxodo dos libaneses.

“O Líbano é como um pássaro com suas asas, uma são os habitantes locais, a outra são

Para o publicitário Roberto Duailibi, Charles Lotfi criou um sentimento de “libanidade” que contagiou outras nacionalidades que vivem no Brasil



FOTO: ARQUIVO CARTA DO LÍBANO

seus filhos espalhados pelo mundo todo; ele só voa quando as duas asas combinam”, dizia ele, atribuindo aos descendentes um papel importante na soberania e independência do pequeno país.

Achei que devia ajudá-lo. Afinal, nossa agência colaborava bastante com causas sociais, e criara e estava fazendo a campanha do ONG SOS Mata Atlântica; colaborara com o governo de Paulo Egydio Martins numa campanha contra a poliomielite, informação que fora proibida por Brasília; tinha como filosofia contribuir gratuitamente com causas sociais.

A luta pela soberania do Líbano tocava meu coração profundamente.

Mesmo me sentindo muito pequeno para uma tarefa tão grande, achei que poderia, dentro de nossos limites, ajudá-lo. A comunicação, num caso como esse, é fundamental. É o que sabíamos fazer, e o fazíamos bem para clientes importantes, como o Banco Itaú, a Sadia, o MacDonald’s, a Petrobrás, o governo do Estado de São Paulo. Ajudar a salvar um país não é tarefa para amadores.

Em primeiro lugar era preciso divulgar a situação, lembrar a urgência de coordenar ações internacionais, criar no Brasil todo um sentimento de “libanidade” que, se existia aqui, ainda estava limitado às lembranças das cidades de onde vieram os primeiros imigrantes, e que, de qualquer forma, já se expressava na construção, pelo Brasil afora, de excelentes clubes, hospitais, asilos, orfanatos, escolas, igrejas e outras entidades beneficentes.

Cabe aqui um elogio às mulheres libanesas, que lideravam, na maior parte dos casos, essas iniciativas. Enquanto cuidavam de suas famílias, encontravam tempo também para ajudar os patrícios e a população mais pobre.

Toda causa social precisa de três ingredientes: dinheiro, trabalho voluntário e simpatia.

E normalmente uma entidade que se propõe a resolver um problema grave deve ser liderada por uma pessoa a quem os outros atribuem uma certa incapacidade de levar adiante a missão. Elas devem dizer, “Xi, o fulano está muito velho para agüentar esse trabalho.” E a conclusão vital é “precisamos ajudá-lo”.

Porisso é que algumas das entidades mais bem sucedidas no mundo são dirigidas por idosos ou idosas, a quem as outras pessoas querem ajudar. Se

“*Foi quando surge Charles Lotfi. Homem elegante, de porte agradável e com uma alegria que contagiava, veio de Belo Horizonte para, em São Paulo, ajudar a unir os libaneses de todo o Brasil*”

a entidade for dirigida por um jovem milionário, por exemplo, as pessoas simplesmente acham que ele vai resolver o problema sozinho e não precisa de seu apoio.

Não era exatamente o caso de Charles Lotfi, que ainda não era idoso, mas estava na meia idade. Não era milionário, mas era rico em cultura, oratória, e amor. Vestia-se primorosamente e inspirava muita confiança.

Nascido na cidade de Corumbá, no então Estado de Mato Grosso, voltara ao Líbano com sua família ainda criança, mas nunca esqueceu a língua portuguesa, que dominava com maestria. Disse que se dedicava a ler os livros em português que seu pai levava do Brasil, e, depois de ler em silêncio um parágrafo, lia-o em voz alta para não perder a entonação. Por ter frequentado excelentes escolas no Líbano, falava um árabe culto e harmonioso.

Entendia de pedras e gemas semi-preciosas como poucas pessoas, mas tal negócio não o fizera milionário. Sua verdadeira especialidade era criar projetos, coordenar atividades, unir pessoas, traçar estratégias de ação e acompanhar de perto cada passo da execução do plano.

Não foi diferente com a Confederação das Entidades Líbano-Brasileiras.

A partir de torná-la real através dos registros, da criação de um estatuto, da formação de uma diretoria de gente disposta a trabalhar, disseminou-a com cartas, cartazes, cartões de visita, envelopes, e textos bem feitos. Foi um trabalho

enorme, ao qual se dedicou profundamente.

Com a contribuição de amigos, executivos de negócios e profissionais liberais e acadêmicos das universidades, criou uma valiosa agenda com as lideranças libanesas em todos os recantos do Brasil, em todas as áreas de atividades – comércio, indústria, política, medicina, direito, serviço público, comunicações.

Em grande número de casos, pagava de seu próprio bolso as viagens para os Estados mais longínquos, para falar pessoalmente com os líderes locais e conseguir suas adesões. Teve o apoio formal, nessas missões, do João Saad, da Bandeirantes, que cedeu espaço nas rádios e na televisão para divulgação da causa.

Por outro lado, a Entidade se comunicava com uma lista enorme de jornalistas de descendência libanesa, que trabalhavam em jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão principalmente em São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Manaus, Campo Grande, Cuiabá, Curitiba e outras cidades. Essa lista de jornalistas de origem libanesa se tornou um patrimônio incalculável para Charles, que tratava os jornalistas pelo primeiro nome, como amigos.

Charles nasceu na década de 1920, em Corumbá, desde então uma das cidades mais quentes do Brasil. Esse é um dos mistérios da imigração: o que é o que pai de Charles foi fazer em Corumbá na década de 1920? O que é que levou esse casal libanês a viajar milhares de quilômetros, com a família, para mobiliar uma casa em Corumbá?

“*Foi Charles Lotfi que resolveu, em determinado momento dramático da vida do Líbano, juntar todos os brasileiros sob a bandeira da liberdade, da independência, da soberania*”

Ainda jovem, a família de Charles voltou para o Líbano, onde Charles estudou nas melhores escolas e fez, com méritos, seus cursos superiores. Participou intensamente dos movimentos que levariam o Líbano, finalmente, à independência, não sem grandes riscos de vida.

Já formado e adulto, resolve voltar ao Brasil. É preciso, de novo, dominar a língua, que nunca fora de fato abandonada, mas que precisava ser atualizada. Escolheu estabelecer-se em Belo Horizonte, onde iniciou um negócio de comercialização de pedras semi-preciosas, tanto para utilização em jóias, quanto em utilização industrial.

Difícil negócio, que Charles manteve por muitos anos, e que lhe permitiu exercer a atividade de mais gostava, que era organizar as pessoas dar-lhes um propósito, traçar estratégias para que vencessem na vida, através da união.

Isso o o atraiu para a vida associativa, e muito brevemente era uma das pessoas mais importantes e inspiradoras da Associação Comercial de Minas Gerais. Políticos o ouviam, seus colegas de negócios amparavam-se em seus conselhos, sabia, como ninguém, apresentar uma pessoa a outra, e fazer com as duas, trabalhando juntas, tornavam-se sócias e empreendiam novos negócios.

Foi essa pessoa que resolveu, em determinado momento dramático da vida do Líbano, juntar todos os brasileiros, de todas as denominações, sob uma sob bandeira – a bandeira da liberdade, da independência, da soberania.

O pequeno país, frágil, e pronto a cair sob a influência do vizinho poderosos, encontrava milhões de aliados em todo o mundo, que, embora não portassem fuzis, tinham autoridade moral e voz para mobilizar os órgãos internacionais que garantiriam sua independência.

Depois da presença de Charles, o Líbano nunca mais foi o mesmo, e os libaneses do Brasil também nunca mais foram os mesmos. Criou-se um sentimento de libanidade, que contaminou inclusive as outras nacionalidades que vivem no Brasil.

O pequeno país passou a ter um grande aliado, os libaneses do Brasil passaram a se aliar mais – e por cima, flutuando com sua inspiração, sua voz suave, sua causa, está o espírito de Charles Lotfi. ■

UMA PERSONALIDADE INESQUECIVEL

Pequeno retrato de Charles Lotfi por quem o
conheceu muito jovem e o admirou ao longo da vida

POR RICARDO MALCON

“**C**onheci Charles Lotfi quando eu era muito jovem, na época em que meu pai, Salomão Malcon, era cônsul honorário do Líbano no Rio Grande do Sul. Ele permanece em minha memória, como divulgador da cultura libanesa e incentivador dos descendentes libaneses na missão de levar à toda comunidade a ideia do Líbano.

Desde muito cedo ouvia o nome Charles Lotfi, durante eventos onde acompanhava meu pai e encontrava pessoas das comunidades libanesas de São Paulo, de Belo Horizonte e Brasília. Certo dia em São Paulo, no Clube Monte Líbano, finalmente vim a conhecê-lo e fiquei imediatamente impressionado pela maneira como ele se dirigia ao Líbano.

Minha família viajava com frequência para o país, pois tínhamos casa em Bricet e em Amioun, onde ainda vivia meu avô, Nakhleh Chammas, pai de minha mãe, Mona Chammas Malcon. Para

mim foi maravilhoso ouvir o sr. Charles falando sobre as montanhas, a água das vertentes, o verde das oliveiras e imaginar estar sentindo o cheiro do zattar e do pão árabe, feito e vendido nas carrocinhas da estrada de Tripoli para Hadath al-Jubba ou Hasroun.

Quando ele voltou a Porto Alegre eu já estava mais velho. Havia presidido Associação Nacional das Finanças e desenvolvido uma atividade importante da comunidade financeira no Brasil, o que me possibilitou atender o convite de Charles Lotfi para criar, no Rio Grande do Sul, a Câmara de Comércio Brasil Líbano, a exemplo da que já existia em São Paulo. Com seu auxílio pude constituir a entidade.

Ao encontrar Charles Lotfi, sempre me lembrava de suas palestras e guardo na memória todas as suas visitas e os momentos agradáveis em que tive o privilégio de conviver com ele. ■

***Ricardo Malcon é empresário e cônsul honorário do Líbano no Rio Grande do Sul**



Ricardo Malcon, cônsul honorário do Líbano em Porto Alegre, recorda as palestras e os momentos agradáveis compartilhados com Charles Lotfi

FOTO: ARQUIVO CARTA DO LÍBANO

UM ILUSTRE FILHO DO LÍBANO

O depoimento de um grande amigo lembra o que Charles Lotfi realizou em prol da união entre libaneses e brasileiros

POR ARMANDO CARMO COURI

“**O** que falo agora, deveria ser dito, em alto e bom som, no enterro do meu grande amigo Charles Lotfi. Infelizmente a pandemia nos impediu de realizar uma homenagem a quem muito mereceu. Porque foi nossa maior liderança, que ultrapassou os limites de BH, Minas, Brasil e além-mar.

Mereceu como nosso maior articulador, tendo conseguido unir todas as lideranças libanesas e brasileiras em torno da unanimidade de seu nome. Suas palavras eram amigas e sempre trouxeram união para os que dele se aproximavam.

Nestes 50 anos em que tive o privilégio de conviver com Charles Lotfi, ele sempre me trouxe a palavra de um verdadeiro irmão e escutava a todos e, com a sua costumeira habilidade, chegava aos consensos próprios de um grande líder.

Sua cultura permitia que transitasse em qualquer roda geopolítica, cultural ou socioeconômica, além de participar dos mais variados círculos da colônia libanesa. Charles atravessou fronteiras e escalou todas as esferas

da administração da Associação Comercial de Minas Gerais onde, por muitos anos, exerceu a presidência.

Sobretudo, ele jamais deixou de participar do convívio de seus irmãos libaneses, seja como fundador e presidente da Confelibra, seja como presidente e um dos fundadores da Fuliban.

O Líbano perde com a morte deste grande homem, que fez crescer o amor à pátria querida, elevando perante nós brasileiros e libaneses os laços fraternos que se afluíram, com sua elevada e abnegada atuação em nossa sociedade.

Eu perco um grande amigo e irmão, o Líbano perde um de seus filhos mais queridos, a ACMinas perde um grande líder. Enfim, toda a comunidade, que teve o privilégio de estar próxima a Charles Lotfi, perde a elegância de seus hábitos, a conciliação fácil, a expressão da cultura intrínseca que irradiava com suas palavras.

A este homem probo, que honrou suas origens e vai deixar saudades entre nós, rendo as minhas homenagens. ■

*Armando Carmo Couri é empresário

O empresário Armando Carmo Couri e Charles Lotfi mantiveram grande amizade e companheirismo durante 50 anos. Ao centro, Maria Eugênia Couri



FOTO: ACMINAS

UM HOMEM ILUMINADO

Gentileza, bom humor, espírito de liderança e joie de vivre foram marcas de um libanês-mineiro que tocou profundamente a vida de sua comunidade

POR AGUINALDO DINIZ FILHO

“**E**m 2020 a ACMinas, nosso Estado e o Brasil – e, por que não, o mundo – perderam um de seus grandes personagens: o humanista Charles Lotfi. Ex-presidente de nossa entidade, por dois mandatos, era um líder nato que, contudo, não exercia sua autoridade por meios impositivos, como é mais comum, mas usando sua imensa simpatia, carisma, sabedoria e o quase permanente bom humor. Nas poucas ocasiões em que o perdia, era melhor sair de perto. Explodia, manifestando então sua herança genética de libanês irado.

Mas era raro. Chamava todos os funcionários da ACMinas pelo nome, desde os vice-presidentes, diretores, conselheiros e auxiliares diretos até os funcionários. Conhecia um por um e era comum ser procurado em busca de conselhos, inclusive quanto a questões pessoais. Sempre tinha uma palavra de conforto, de orientação: “Meu filho”, costumava dizer mesmo aos mais velhos, “você não deve se preocupar. Faça isto, faça aquilo, e tudo vai dar certo”.

Em sua gestão, teve oportunidades de manifestar, no dia a dia da entidade, essas duas facetas. Lembro-me de uma noite, em que a ACMinas realizava um evento social no salão do quarto andar, quando surgiram, no som ambiente, as primeiras notas de “La Vie en Rose”, música que deu fama à francesa Edith Piaf. Charles não pensou duas vezes: escolheu uma das damas presentes, foi para o meio da sala e começaram a dançar. As pessoas se afastaram e ali ficou apenas o par. Ao final, o silêncio que se fazia então foi substituído por aplausos consagrados.

Mas se o “de bem com a vida” foi uma de suas marcas, a seriedade no trabalho também o foi. Em uma época em que a ACMinas atravessava dificuldades financeiras – comuns a uma entidade cuja receita provém exclusivamente da prestação de serviços e das contribuições dos associados – ele articulou a celebração de inúmeras parcerias com instituições públicas e privadas que possibilitaram a realização de grandes projetos. Entre eles a Conspiração Mineira pela Educação, que incluía um reconhecimento público a iniciativas nessa área e foi abraçada pela Fundação Pitágoras. Este

incentivo, não por acaso, recebeu o nome de Prêmio Charles Lotfi.

Se foram muitas as homenagens que em vida ele recebeu, foram também inúmeras aquelas decorrentes de sua perda, destacando-se a que lhe prestou a entidade que presidiu. A ACMinas, em nota oficial informando e lamentando o ocorrido, assinalou: “Perdemos o convívio com um ser humano diferenciado, fiel, inteligente e participativo. Rogamos a Deus para que o acolha e dê o necessário conforto aos corações daqueles que tiveram o privilégio de conviver com ele. Que a família receba nossos mais sinceros votos de condolências”.

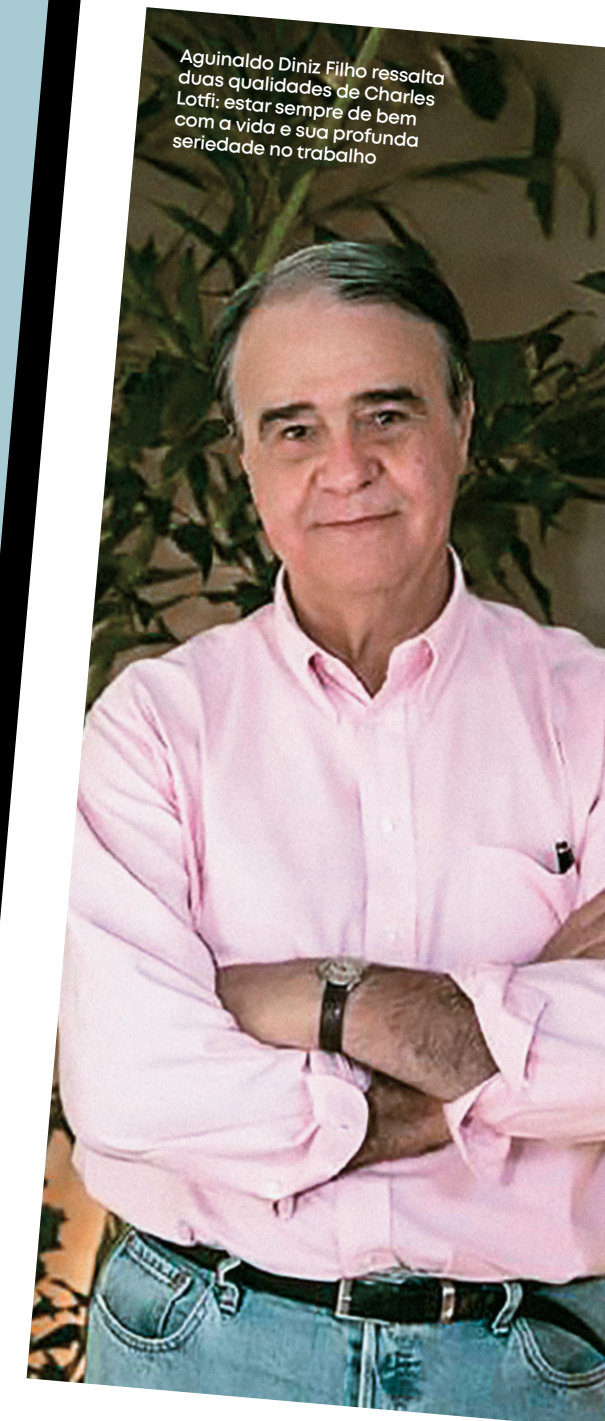
O Consulado Geral do Líbano no Rio de Janeiro também se manifestou: “É com profundo pesar e tristeza que o Consulado Geral do Líbano no Rio de Janeiro comunica o falecimento do fundador, ex-presidente e presidente de Honra da Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras, dr. Charles Lotfi.

Para concluir e a propósito da primeira parte do título desta matéria – “Um Homem Iluminado” – cabe um esclarecimento: Trata-se do título de um livro com o qual Helena Jobim, irmã daquele que provavelmente foi o maior expoente de nossa música popular, relatou a história de Antônio Carlos Jobim. Tom – e agora Charles – nos fazem muita falta. ■

***Aguinaldo Diniz Filho é ex-presidente da Associação Comercial e Empresarial de Minas**

“**Em 2020 a ACMinas, nosso Estado e o Brasil – e, por que não, o mundo – perderam um de seus grandes personagens: o humanista Charles Lotfi**”

FOTO: ACMINAS



O DOM DA PALAVRA E DA SABEDORIA

Com firmeza, gentileza e generosidade, Charles Lotfi conduzia reuniões, encontros, palestras e até conversas informais. Era um homem de ideias, ideais e conciliação. Um líder e um verdadeiro lord

POR JOSÉ ANCHIETA DA SILVA

“**P**residia eu o Instituto dos Advogados de Minas Gerais (IAMG), então quase centenário - fundado em 1915 - e a já também centenária Associação Comercial e Empresarial de Minas, quando nos conhecemos. A iniciativa foi dele. Eu convocara uma coletiva de imprensa, para apresentar os projetos e as caminhadas por rumos novos de nosso IAMG, e lá compareceu Charles Lotfi. O resultado desse encontro, a partir de um fecundo aperto de mãos, foi a celebração de uma extraordinária parceria.

Nossas instituições realizaram juntas três projetos: Conspiração Mineira Pela Educação - idealizada e liderada pelo professor Evandro Neiva - o memorável Seminário Sobre Segurança Pública - quando foi apresentada à sociedade de Minas Gerais a torneleira eletrônica, que viria

a ser adotada como forma de desafogar presídios - e, finalmente, a Descriminalização da Atividade Empresária - que resultou em uma edição especial da tradicional Revista do IAMG.

Mal sabia eu que, pelas mãos de Charles Lotfi, estaria sendo pavimentada uma longa jornada que me conduziria à presidência da ACMinas - passando antes pelo Conselho de Assuntos Jurídicos, pela Diretoria Plena e pela vice-presidência - o que se deu em 2021. Exatamente o ano em que o nosso permanente conselheiro Charles Lotfi nos deixou.

A figura de Charles lorde - o Charles gentleman - era simplesmente encantadora. Vestia-se britanicamente, era portador de um sorriso permanente e de um olhar doce, embora determinado. Seu ouvido sabia escutar como poucos, era incapaz de interromper um interlocutor. Dotado de vasta cultura, não tinha

“**Pessoas da estatura moral, intelectual, empresarial e cidadã como a de Charles Lotfi são como a flor de lótus: só se colhe uma a cada século**”

pressa em demonstrar aos circunstantes o quanto sabia a respeito do tema em debate. Esperava a sua vez e, com suavidade, conduzia reuniões, debates e celebrações.

A conversa com Charles Lotfi podia durar hora e meia e a sensação que se tinha era a de que, durante todo o tempo, estava ele a cumprimentar e receber seus pares, introduzindo-os no diálogo e deles retirando o melhor proveito. Suave no trato, aquele sorriso, aquele olhar, aquela paciência, aquele caminhar conquanto lento, trazia a firmeza do líder que sabia tudo sobre os caminhos e suas pedras. Timoneiro experiente, era um homem rico de ideias e de fazeres, solidário e atento às coisas do mundo; todas.

Pessoas da estatura moral, intelectual, empresarial e cidadã como a de Charles Lotfi são como a flor de lótus: só se colhe uma a cada século. Mas a natureza sabe os segredos da vida e do mundo. Quem conviveu e bem aprendeu as lições amenas deixadas por ele, colheu matéria prima para semear um mundo melhor pela próxima centúria. Esta é a lição que colhi da liderança de nosso ex-presidente Charles Lotfi: construir um mundo melhor, solidário e altruísta, realizador e comprometido com a felicidade do outro. ■

***José Anchieta da Silva é presidente da Associação Comercial e Empresarial de Minas (ACMINAS)**

FOTO: ACMINAS



Para José Anchieta da Silva, Charles Lotfi trazia a firmeza do líder que conhece tudo sobre os caminhos e suas pedras



O economista Paulo Nagem

A UM AMIGO QUE SE VAI

Em uma carta de despedida, a lembrança do homem que cultivou a amizade e o respeito de seus pares. Solidariedade e amor ao próximo marcaram a trajetória de Charles Lotfi

POR PAULO NAGEM

“Charles, É, meu amigo... Você foi ao encontro do Criador com a tranquilidade do dever cumprido. Sua missão de defesa do Líbano e dos libaneses foi realizada com total êxito!

Fizemos muito juntos para unir libaneses e descendentes, sempre por seu incentivo. São muitas lembranças, que me alegram o coração.

Assumi a presidência da Fundação Libanesa de Minas Gerais, com seu apoio e de nosso querido cônsul Chafic Kassis. E uma das nossas realizações foi a criação do diploma anual para premiar cidadãos de origem libanesa por destaque nas diversas áreas no exercício da cidadania brasileira, como Salim Mattar, Armando Couri e Agostinho Patrus, entre outros.

Fizemos um evento marcante na sede da Fundação, face à correspondência do Presidente do Líbano, para celebrar sua libertação, que contou com uma grande presença de libaneses e descendentes.

Trabalhar com o professor dr. José Elias Murad, dirigindo a Diretoria Antidrogas da Fundação, foi uma experiência única, que está registrada para

consulta dos seus futuros dirigentes.

Você fundou também a Sociedade Brasileira de Saúde de Jovens.

Você Charles, com suas palestras entusiasmadas sobre o Líbano, sempre cativava a atenção dos presentes. Sob sua presidência, tive a honra de ser eleito diretor financeiro para a Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras e também vice-presidente financeiro para a Câmara de Comércio Líbano-Brasileira de Minas Gerais, fundadas por você.

Senti-me honrado pela sua presença na mesa diretora dos trabalhos, quando fui eleito presidente do Conselho Fiscal da Associação dos Oficiais da Reserva do Exército Brasileiro.

Enfim, meu amigo, leve com você minha admiração e respeito. Não só a minha, mas a de todo cidadão de origem libanesa a quem você alcançou com sua sabedoria e capacidade de fazer amigos.

Pegue nas mãos de Deus, e vá!

E, por último: Obrigado ao Líbano, por guardar nossos ancestrais. Isso há mais de cinco mil anos. ■

***Paulo Nagem é economista e ex-presidente da Fundação Libanesa de Minas Gerais**

FOTO: DIVULGAÇÃO



O empresário Alfredo Cotait

DE CORPO E ALMA

Durante uma trajetória de realizações - e estreitamento dos laços entre Líbano e Brasil - Charles Lotfi fez da empatia e do amor à pátria uma causa de vida

POR ALFREDO COTAIT

“Há homens que, mesmo quando sua vida se apaga, sua presença permanece de forma indelével entre nós, tal a força do legado de exemplos que aqui fincou antes de partir. Assim é Charles Lotfi. Brasileiro de origem libanesa, não fugiu à marca de seus ascendentes, um povo destemido e laborioso, e aqui ele se completou com o modo de ser da gente de sua terra natal, dos brasileiros.

Por onde passou Charles semeou simpatia e colheu amigos. Fiel a seus princípios, angariou o respeito de todos que o conheceram. Ao longo de sua existência ocupou inúmeros e relevantes cargos. Cargos que dignificam o homem, mas foi Charles quem dignificou os cargos, por sua postura, competência, dedicação e transparência.

Teve destacada atuação na Associação Comercial de Minas (ACMinas), entidade que presidiu em duas oportunidades, contribuindo para a consolidação do sistema de associações comerciais do País. Foi fundador da Federação das Entidades Líbano-Brasileira, que se tornou depois a Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras, tendo

presidido ambas as instituições.

Não lhe faltaram honrarias de realce. Foi agraciado com a medalha da Ordem Nacional do Cedro, pelo Governo do Líbano; da Ordem do Rio Branco, pelo Governo brasileiro; e Medalha da Inconfidência, pelo Governo do Estado de Minas Gerais. Recebeu ainda o título de Cidadão Honorário de Belo Horizonte.

Ao longo das décadas, Charles nunca hesitou em sua missão líbano-brasileira, nas relações oficiais ou humanas. Nem mesmo nos distantes e obscuros anos de guerra civil por lá ele largaria a causa. Com isso, plantou a semente para que outros mais, que compartilham o reconhecimento pelo valor de nossas origens, seguissem com aquele trabalho, a partir de seu exemplo e inspiração. Se hoje estamos mais próximos em todos os planos, muito se deve a ele.

Homens como Charles Lotfi não morrem. São inesquecíveis, pois mais que o cérebro em seu trabalho e em suas ações, ele colocava a alma. ■

***Alfredo Cotait é presidente da Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo (FACESP) e da Associação Comercial de São Paulo (ACSP)**

FOTO: ACSP



O empresário Carlos Jafet Júnior

O APELO À LIBERDADE

Em 1989, Charles Lotfi liderou um grupo de libano-brasileiro em uma viagem a Nova York e Washington, para interceder no conflito entre Líbano e Síria. Pela restauração da independência e das instituições democráticas no país

POR CARLOS JAFET JÚNIOR

“**F**quad, meu convívio com o Charles Lotfi restringiu-se a questões institucionais em que ele era presidente da Confederação Nacional das entidades Libano-Brasileiras e eu, na época da viagem a ONU, 1989, vice-presidente do CAML - seguindo-se o período em que passei a presidente, de 1990 a 1992.

Nosso objetivo em Nova York foi pedir auxílio às Nações Unidas, diante do conflito em que a Síria vinha ocupando o Líbano, restringindo os direitos de cidadania dos cidadãos.

Hávamos agendado um encontro com o secretário geral, sr. Javier Perez de Cuellar, para pleitear oficialmente junto à organização a libertação do Líbano. O momento era de muita opressão sobre os libaneses e nós, representantes da diáspora libanesa no Brasil, nos levantamos com demandas.

Estavam conosco nessa viagem um grupo de representantes estaduais de instituições libano-brasileiras, bem como um grupo de parlamentares

federais de mesma origem. Houve essa articulação nacional, tendo a libertação do Líbano como meta. Era um grupo de grande representatividade e bastante coeso. Foi uma viagem histórica.

Todos os líderes se manifestaram, cada um representando sua instituição. Charles, representando a Confederação, foi bastante atuante assim como os demais. Eu representava o Clube Atlético Monte Líbano.

Após termos sido recebidos na ONU, nosso grupo se dirigiu a Washington. Tínhamos encontros com alguns membros do congresso americano para direcionarmos nosso pedido ao governo dos EUA, por uma intervenção no conflito que tanto provocava dificuldades, para a liberdade e autonomia da população libanesa.

Um momento memorável e inesquecível.

Charles Lotfi foi um defensor incansável dos ideais de liberdade libaneses, assim como a maioria dos participantes daquela viagem. ■

***Carlos Jafet Júnior é empresário, ex-presidente do Clube Atlético do Monte Líbano de São Paulo**

FOTO: ARQUIVO CARTA DO LÍBANO

ORGULHO DA COMUNIDADE LIBANESA NO BRASIL

Devotado e embriagado pela sua pátria mãe. Charles Lotfi, como o cedro do Líbano, deve ser celebrado e jamais esquecido

POR DOM EDGARD MADI

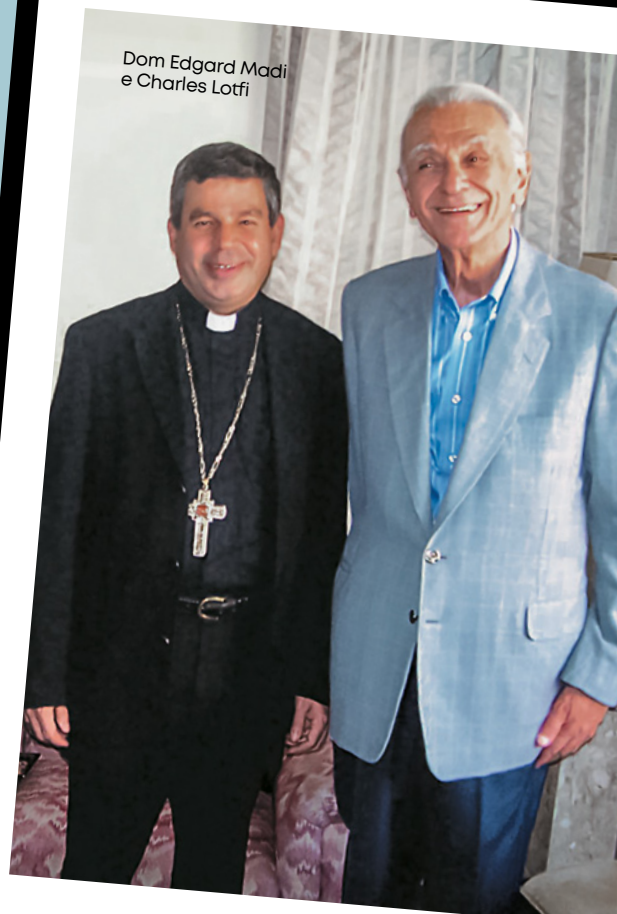
“**E**ra um homem de fé, de princípios e de valores cristãos. Um homem alto e pai de três filhos. Educado, apreciava música e tocava piano - sua alegria era tocar o hino nacional libanês. Um homem que lutou a vida inteira pela causa do Líbano, um homem embriagado pelo Líbano. Sua profissão era ser libanês, vivia a alegria e a dor de ser libanês. Sempre ocupado e preocupado pela libertação do Líbano de contínuas ocupações. Jamais se cansou. Para ele ser libanês era um contrato vitalício. Deixou de viver no Líbano, mas o Líbano nunca o deixou. E o buscou até em Belo Horizonte.

Ele mergulhava na nostalgia libanesa, entoava os cantos de Fairouz e sonhava com o Líbano, país de convivência e de liberdade, de soberania e diversidade.

Charles Lotfi era rico de amigos. Era o cedro do Líbano que nunca vai ser esquecido. ■

***Dom Edgard Madi é Eparca Maronita do Brasil**

FOTO: ARQUIVO CARTA DO LÍBANO



Dom Edgard Madi e Charles Lotfi

A CAUSA LIBANESA COMO PROJETO DE VIDA

Muito além do Brasil, a paixão de Charles Lotfi pelo Líbano se fez ouvir por libaneses e descendentes em todo o mundo

POR JOSEPH FRANCISS

Perdemos um grande ser humano, homem honrado e de grandes ideais a quem pude chamar de amigo. Sentiremos sua ausência e a falta do grande líder que viveu pela causa libanesa, causa esta que era seu próprio oxigênio.

Charles Lotfi passou a vida trabalhando e lutando por essa causa. Seu desejo sempre foi ver o Líbano como país independente e soberano. Durante sua luta, fundou a Federação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras, que viera a se tornar Confederação. Vendo o Líbano sofrer em meio a guerra e divisões internas, decidi apoiar as causas de seu povo, em um esforço para integrar as grandes lideranças da comunidade líbano-brasileira no apoio à pátria de todos - afinal o Brasil abriga a maior imigração libanesa no mundo.

Conheci Charles Lotfi como líder incansável e intelectual brilhante, além de ser uma pessoa

que acreditava no diálogo e sempre repetia nas reuniões frases como “atire a primeira pedra quem nunca errou”, ou “não julgue para não ser julgado”. Definitivamente, Lotfi foi a ponte entre os libaneses e seus descendentes no Brasil, trabalhando na confederação com o objetivo da união.

Lotfi acreditava que a força da imigração libanesa ajudaria o Líbano em vários setores. Por isso, formou uma comitiva para ir até a Organização das Nações Unidas, em Nova York, para uma audiência com o secretário-geral da época, Boutros Ghali. Na ocasião, o grupo clamava pela retirada do exército sírio do Líbano.

No início da década de 1990, viajamos por vários países, passando por cidades como Paris, Boston, Nova York e Miami, trabalhando para unir a comunidade libanesa mundial e participando de vários congressos em favor da pátria mãe.

Todo esse trabalho culminou na União Libanesa Cultural Mundial (ULCM), reunida em Paris, em 1993. A comitiva brasileira era liderada por

“... viajamos por vários países, passando por cidades como Paris, Boston, Nova York e Miami, trabalhando para unir a comunidade libanesa mundial”

Lotfi, Tony Maluf, haj Moustafa Mourad, Georges Antoine e eu. O encontro resultou em grandes conquistas e conseguimos mostrar a todos que o Brasil era o arco-íris de paz e harmonia da imigração libanesa no mundo.

No ano seguinte, a ULCM se consolidou e foi composta uma nova diretoria. Lotfi era tão atuante e preocupado com a paz no país que lutava incansavelmente pela sua soberania. Inclusive, levei pessoalmente cartas escritas por ele para o general Michel Aoun, em Paris, e aos presidentes Amin Gemayel e Elias Hraoui.

Ele também se preocupava com a introdução da cultura libanesa no Brasil. Por décadas homenageou artistas e intelectuais de descendência libanesa com o prêmio Cedro do Líbano. Lembro-me de alguns - como o jornalista William Bonner e o cantor Fagner - que são exemplos de personalidades mercedoras da honra.

Charles Lotfi deixa saudades no que tange ao seu trabalho e na união dos libaneses e descendentes no Brasil. Sempre será uma estrela a iluminar as estradas escuras da imigração. Lembremos sempre desse nobre e incansável libanês, bem como em acender uma vela para que sua alma descanse em paz.

Jamais esqueceremos seus ensinamentos. ■

***Joseph Franciss é empresário, ex-secretário-geral da União Libanesa Cultural Mundial**

Para Joseph Franciss, Charles Lotfi foi líder incansável e intelectual brilhante





O empresário Mohamad Khodr

NA ESFERA DO PODER, EM BRASÍLIA

Aos 94 anos, o empresário libanês Mohamad Khodr - que se estabeleceu em Brasília antes mesmo de sua inauguração - continua ativo. Ele fala, saudoso e com grande estima, da amizade com Charles Lotfi

POR MOHAMAD KHODR

“Um grande defensor do Líbano, assim como dos libaneses no Brasil, sendo eu um deles. Defendeu-o a todo custo quando o país sofria com a guerra com a Síria de um lado e Palestina do outro. Nessa época atuou junto à imprensa, vinha sempre a Brasília fazer articulações políticas e chegou a participar de uma comitiva que foi à ONU para tratar dessa situação”, lembra Khodr.

Os laços de amizade entre os dois se estreitaram quando Khodr assumiu a presidência do Clube Monte Líbano de Brasília. “Charles fundou a Federação das Entidades Líbano-Brasileira, depois Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras. Nessa posição ele nos ajudou muito a reerguer o Clube”, conta.

Outro momento marcante vivido com o amigo foi a organização da Convenção Mundial das Entidades Libanesas, realizada em 1984, para comemorar o Dia da Independência do Líbano. “Eu presidi a abertura

da Convenção, que inaugurou a sede Social do nosso clube”, fala com orgulho.

Entusiasmado, o empresário relatou o evento que reuniu as mais altas autoridades da época, inclusive o presidente da República, general João Batista Figueiredo. Também participaram mais de sessenta deputados federais, além de 1.500 convidados de todo o Brasil inteiro e uma comitiva de dez pessoas, vinda do Líbano. “O dr. Ibrahim Abi-Ackel, ministro da Justiça da época, discursou em nome do Presidente, o que muito nos emocionou. Ele disse, ‘Presidente, eu traí o senhor. O senhor me pediu para falar sobre o Brasil e eu só falei do Líbano’”, diverte-se Khodr com a lembrança.

Ele falou ainda sobre a grande capacidade que Lotfi possuía para mobilizar tanto a comunidade libanesa quanto a brasileira. “Ele era muito inteligente e realizou trabalhos importantes em todas as funções que exerceu. Senti muito o seu falecimento, porque passamos a ser amigos e conversávamos quase todos os meses”, conclui saudoso. ■

FOTO: ROSE LANE CÉSAR

A MISSÃO DE AMOR E PATRIOTISMO DE CHARLES LOTFI

Sua força e influência são o maior legado de um homem íntegro, apaixonado e orgulhoso de suas origens

POR JOSÉ MARIA ABURACHID



O empresário José Maria Aburachid

“Charles sempre foi guiado pelo grande ideal da sua vida, o Líbano. Fora o seu amor pela família, tudo que o norteava e movia os seus passos era a sua verdadeira obsessão pela causa libanesa.

Totalmente integrado em sua pátria mãe, o Brasil, a qual era extremamente devotado; sua grande paixão era a abençoada terra de nossos ancestrais. Esse sentimento de amor profundo contagiava mesmo aqueles de outras origens e nacionalidades diversas. Respeitava todas as religiões e era um cristão devoto.

Homem culto, poliglota, alto, bonito e carismático, sua maior estatura era a integridade. Apesar de sua temperança, prudência e senso de justiça, não titubeava diante de afronta aos valores de suas origens. Era um feroz defensor do Brasil e do Líbano.

Lotfi era um amigo dedicado e sempre disponível. Poucos são os que não lhe ficaram devendo gentilezas e orientações sobre assuntos libaneses, principalmente entre os descendentes. Inclusive eu e minha família.

Durante minha gestão na presidência do Clube Libanês de Belo Horizonte, no início da década de 1990, fizemos um encontro promovido pela Federação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras, presidida por ele, quando homenageamos

o dr. Francisco Rezek, saudado pelo grande tribuno na ocasião, o deputado Ibrahim Abi Ackel.

Assim era o Charles: gostava de destacar as grandes figuras de origem libanesas que ajudaram a engrandecer o nosso Brasil. E assim foi feito com outras personalidades marcantes, dos mais diversos segmentos, através de agremiações libanesas.

Só para citar algumas dessas figuras proeminentes, nossos valorosos patrícios, cito aqui: Armando Couri, Salim Mattar, senador Pedro Simon e dr. Ibrahim Felipe Heneine - homenageado durante minha gestão como presidente da Fundação Libanesa de Minas Gerais.

Agora Charles Lotfi nos deixou.

Porém, seu legado ultrapassou nossas fronteiras, pois seu apostolado, empunhando a bandeira libanesa, deu frutos pela diáspora nas comunidades libanesas através do mundo, como pude testemunhar.

Uma missão de vida calcada em tantas ações, cuja narrativa não caberiam nem em um livro.

Encerrando, deixo aqui meu carinho aos seus filhos e à sua irmã Carole, por quem nutrimos, eu e minha família, um profundo afeto. ■

***José Maria Aburachid é Bacharel em Direito pela UFMG e empresário, foi presidente do Clube Libanês de Belo Horizonte e da Fundação Libanesa de Minas Gerais**

FOTO: DIVULGAÇÃO

O PAI DE FAMILIA E O HOMEM PUBLICO

Charles Lotfi na lembrança e nas palavras de sua filha

POR SÍLVIA LOTFI

“**É** difícil falar sobre o nosso querido pai Charles. No âmbito familiar, papai sempre foi uma pessoa carinhosa e participativa. Sua irmã Carole, seus filhos, seus netos e sua nora, só temos que agradecer a Deus por termos convivido diretamente com um ser humano tão especial e ético.

Apesar de ter tido uma vida social muito ativa, nunca deixou de marcar sua presença na família, com seus princípios e valores. Era um homem culto, idealista e empreendedor por excelência. Falava e redigia em quatro idiomas: árabe, francês, inglês e português.

Possuía espírito de liderança e era um grande articulador. Unia pessoas em torno de um objetivo comum. Fazia amigos por onde passava.

Amava igualmente suas duas nações, o Brasil e o Líbano. Dedicou muitos anos às causas libanesas e do Oriente Médio, a trabalhos

filantrópicos para os mais necessitados e às instituições da classe empresarial. Desenvolveu atividades políticas, sociais culturais, nacional e internacionalmente em prol da paz do Líbano.

Fundou, em 1981, a Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras e a dirigiu por longo tempo, sendo celebrados os 25 anos desta instituição ainda durante sua gestão, aqui em BH. Na Fundação Libanesa de Minas Gerais, presidiu por duas vezes uma equipe voluntária na área de saúde para atender jovens carentes e drogadictos, tornando-se depois conselheiro da mesma.

Já na Associação Comercial de Minas, foi presidente por dois mandatos consecutivos, tendo sido anteriormente diretor e diretor emérito da instituição. Lá, entre outras atividades de interesse do empresariado mineiro, criou a Fundação ACMinas e formou um grupo de notáveis da área da educação para debater o ensino fundamental no estado, a Conspiração Mineira Pela Educação. Hoje existe um prêmio



“*Apesar de ter uma vida social muito ativa, nunca deixou de marcar sua presença na família, com seus princípios e valores. Era um homem culto, idealista e empreendedor por excelência. Falava e redigia em quatro idiomas*”

FOTO: ÁLBUM DE FAMÍLIA

anual, que leva o seu nome, para incentivar as iniciativas e os profissionais que se destacam em escolas públicas estaduais e municipais, no ensino fundamental.

Em 2014, papai foi homenageado pelos 45 anos de filiação na ACMinas. Igualmente criou e dirigiu a Câmara do Comércio Brasil-Líbano aqui em Minas, para facilitar as relações comerciais entre os dois países.

Suas ideias nos inspiravam ações e comportamentos. Foi um exemplo de vida, de fé e de amor ao próximo. Choramos a sua partida. O tempo ameniza a sua perda, mas a saudade será eterna.

Que Deus o receba de braços abertos na Sua morada definitiva.

Papai, você mora pra sempre nos nossos corações!

Adeus, meu querido!

Ou melhor, até o nosso reencontro. ■

*Sílvia Lotfi é fisioterapeuta

ALÉM DA POLÍTICA E DA IDEOLOGIA

Charles Lotfi sabia ouvir a todos, além de reconhecer seus próprios erros. Por isso foi o líder único que lutou pela soberania do Líbano e uniu a comunidade libanesa em prol de uma integração maior com o Brasil e o mundo

POR JÚLIO CÉSAR FRAIHA

“**I**cone de uma geração de libaneses descendentes e oriundos, Charles Lotfi trabalhou incansavelmente em prol das entidades líbano-brasileiras e arrastou fileiras para causas importantes da colônia libanesa no País. Não há como deixarmos de enaltecer a atuação deste homem aguerrido, tenaz e muito capaz, cujo legado necessita ser exaltado e reconhecido. Independente da visão que se tenha acerca das várias nuances e dos inúmeros conflitos políticos, ideológicos e religiosos que contextualmente emanam do País dos Cedros.

Com atuação sempre destacada, o sr. Charles - como aprendi a chamá-lo, não somente pela diferença de idade, como também pelo respeito que sempre tive pela sua pessoa - gostava do encontro com as pessoas, da discussão de ideias e ideais. Sempre pronto a ouvir e aconselhar, deixando claramente exposto seu ponto de vista, que não admitia ambiguidade - o que o levou a

ter desafetos e, em muitas circunstâncias, ser mal compreendido.

Assim como ocorreu com meu pai, Félix Fraiha, e com o amigo comum, Michel Khalil Fram - que durante décadas estiveram com Lotfi em momentos de felicidade e regozijo, de dificuldade e aflição, durante sua atuação na presidência da Confelibra - eu também pude vivenciar importantes ocasiões com ele. Em diversas palestras, encontros e reuniões organizadas pelo sempre alerta e vigilante dignitário da nossa entidade libanesa maior em território brasileiro.

Lembro com saudade e ao mesmo tempo admiração, das oportunidades em que estivemos juntos, até naquelas quando minha posição se dissociava daquela comungada pelo nosso Grande Chefe, sabedor que das controvérsias surge à luz e, das desavenças com convergência, muitas vezes se encontra um novo caminho para atender as mais diversas correntes de pensamento.

Muito foi realizado pela pessoa de Charles

Lotfi para o fortalecimento e enraizamento das entidades criadas no Brasil, com vistas a enaltecer e difundir o Líbano, sua cultura e seu povo. Sendo que tal atuação ajudou a disseminar o encontro e a integração dos povos brasileiro e libanês, possibilitando uma aproximação da cultura árabe com os demais povos que ajudaram a moldar o conceito de povo brasileiro.

Dentro desta visão de integração, a própria história pessoal do sr. Charles demonstrou sua visão positiva e correta acerca do tema acima. Devo também ressaltar sua atuação destacada à frente da presidência da Associação Comercial do Estado de Minas Gerais, iniludível demonstração de integração de povos e de honrosa atuação política e empreendedora.

Sua presença tem feito muita falta, principalmente no presente momento em que assistimos incrédulos a uma maior atuação e aproximação sionista. Assim como se vê com constrangimento o envolvimento de nomes de uma minoria ligada às famílias árabes - e mais especificamente libanesas - em escândalos de lavagem de dinheiro. Tenho certeza de que estaria o incansável sr. Charles a ouvir e a se pronunciar, buscando, mediante uma atuação concentrada e diuturna, reverter o quadro desfavorável e engrandecer as inúmeras famílias libanesas, que possuem expoentes em todos os segmentos econômicos, acadêmicos e culturais do Brasil. Também estaria agindo fortemente, neste momento de nova grande dificuldade em solo libanês, para minorar o sofrimento de muitos.

Sábio é aquele que reconhece os próprios erros, mesmo quando pode parecer desnecessário em razão do grande apoio que possuem. Esta virtude também era uma marca pessoal do sr. Charles, que costumava, nas ocasiões em que não acertava, bater com as mãos no peito e dizer, “minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa”, como que assumindo um equívoco, chamando para si a responsabilidade pelo erro. Ao mesmo tempo em que apresentava, com este informal gesto, um pedido de desculpas aproximando novamente seus interlocutores.

É preciso, sendo mesmo de fundamental importância, que seu legado seja exemplo para uma nova geração de interessados e estudiosos



O empresário
Júlio César Fraiha

das questões árabe-libanesas e suas implicações no Brasil. Para a perpetuação das atividades das inúmeras associações que levam o nome e à bandeira da pátria libanesa, com atuação política e social próprias de povos que são atualmente tão próximos. Tendo em vista ter sido o Brasil o país escolhido pela maior parte dos libaneses que emigraram, estreitando para sempre os laços entre os dois países.

Espera-se não somente reconhecimento e gratidão pelo trabalho desenvolvido pelo sr. Charles ao longo da vida, o que humildemente aqui se faz. Já temos inclusive exemplos de prêmios criados com seu nome, porém é importante que o legado seja passado e exercido pela geração que o está sucedendo, perpetuando o bom exemplo de vida.

Shukran! ■

***Júlio César Fraiha é advogado, empresário e ex-presidente do Clube Libanês de Belo Horizonte**

GRANDES HOMENS SONHAM REALIZANDO

A Confelibra, criada por Charles Lotfi para unir libaneses brasileiros em uma comunidade mundial, se distancia do sonho original do empresário

POR HABIB TAMER BADIÃO

“**C**omo chamar um libanês de sonhador? Aquele mesmo navegante que, dois mil antes de Cristo, navegava pelas baías brasileiras e se embrenhava mata adentro, em busca de ouro e pedras preciosas.

Na volta, embarcava madeiras rumo ao Mediterrâneo.

Mais tarde, aqui chegou com espírito de comerciante, criou seus filhos e os fez médicos e advogados, fazendo de um deles - o mestre Michel Temer - presidente do Brasil.

Como chamar de sonhador aquele que redigiu cartas constitucionais, leis ordinárias e sentou-se para negociar nos tempos atuais o advento das moedas digitais.

Como chamar de sonhador aquele que, sem medir esforços e manifestando seus dons de comerciante, vêm sinalizando para os irmãos brasileiros o momento de intensa prática da Palavra do Senhor anunciada ao Patriarca Abraão: “Ide e amai-vos!”.

Nas Gerais, sempre esteve presente na liderança

mansa e pacífica Charles Lotfi, encabeçando lutas, bandeiras e causas dos empreendedores mineiros. E, de repente, resolveu concretizar o sonho de unir libaneses brasileiros em uma entidade que congregasse todos os grupos, sociedades e federações libanesas. Assim nasceu a Confelibra - Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras - filiada à União Libanesa Cultural Mundial.

Aparentemente uma entidade que mereceria ser integrada por todas as entidades que reúnem os libaneses, sejam eles imigrantes ou descendentes. Porém, não foi o que aconteceu, para a decepção de todos que a criaram.

Coube a Charles Lotfi conduzir a entidade por mais de 20 anos e depois, em memorável noite no Clube Atlético Monte Líbano, em São Paulo, realizou uma sessão de eleição e posse de uma nova diretoria, com integrantes de Goiás, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Pará.

Desenhou-se assim um novo tempo para os filhos da Fenícia. Internamente, alguns radicais oriundos dos conflitos internos do Líbano, pouco ou nada se



O professor Habib Tamer Badião e Charles Lotfi durante convenção da Confelibra no Clube Atlético Monte Líbano, em São Paulo, em 2010

interessaram em manter a harmonia desenhada pela nova diretoria... Precisavam fazer festas e a ganância se apresentava.

A nova diretoria, encabeçada por mim, face às dificuldades financeiras enfrentadas pela entidade confederativa - uma vez que inexistia qualquer repasse de outras entidades e federações - trilhou o caminho das redes sociais. Abriu páginas de interatividade com todos os libaneses brasileiros e, aos poucos, mexicanos, franceses, suíços, armênios, bolivianos, argentinos, paraguaios. E tantos outros foram adicionando as páginas da Confelibra no Facebook, Twitter e Instagram. Recebemos visitantes ilustres.

Crescia, de forma adulta e serena, sua interatividade com todos os interessados em falar com o Líbano e os libaneses. Estávamos a séculos à frente no que diz respeito às comunicações e interações com os nossos irmãos libaneses aqui e no exterior.

Ocorre que a velharia, composta por pessoas ainda enraizadas nos conflitos e radicalismo

que tanto mal fizeram e fazem ao Líbano, não se interessou em manter este ritmo de crescimento. Manifestou-se favorável a substituir nossa diretoria por um grupo que sepultou as redes sociais, sentou-se em cima dos livros contábeis para fazer do sonho de Charles Lotfi um “era uma vez a Confelibra”. Declinar aqui os nomes dos energúmenos é perda de tempo e desgaste social.

Enfim a Confelibra, com a diretoria que encabecei, cresceu muito e não precisou de vultosas quantias para se fazer presente em todo o planeta. Agora, sepultada pelo radicalismo, ódio e perseguição de uma meia dúzia que sempre se pronunciou como nacionalista, não passa de uma união de covardes do sonho de Charles Lotfi.

Renovo os abraços fraternos aos fenícios brasileiros e rogo a Deus que nos abençoe e nos dê luz, para renovarmos em ações o sonho de Charles Lotfi. ■

***Habib Tamer Badião é professor de Direito e ex-presidente da Confelibra**



José Luiz Janot e Charles Lotfi

UM LEGADO QUE PERMANECE

O carisma de Charles Lotfi e sua paixão pelo Líbano tocou a todos que o conheceram e deve prosseguir influenciando gerações

POR JOSÉ LUIZ JANOT

“**C**onheci Charles Lotfi inicialmente por telefone. Eu era então vice-presidente do Clube Líbano Brasileiro. Entrei em contato com ele para conversarmos sobre uma correspondência que havíamos recebido da Federação Nacional de Entidades Líbano-Brasileira, posteriormente Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras. Continuamos mantendo contato telefônico, surgindo daí o convite para fundar e presidir a federação em Pernambuco.

Convite aceito, prosseguimos em contato a fim de alinharmos os projetos da Felibra-PE com os da confederação nacional. Posso dizer que essas conversas telefônicas se prolongaram por muitos anos.

Após a consolidação da Felibra-PE, com sua diretoria nomeada, fomos eu e o então vice-presidente, o saudoso Mauro Sfeir, conhecer pessoalmente Charles em Belo Horizonte, onde passamos dois dias. Foi o início de uma sólida amizade.

Nos encontramos outras vezes, principalmente durante as reuniões anuais da Confelibra,

normalmente no Monte Líbano em São Paulo.

Posso dizer que Charles Lotfi era um homem culto, inteligente, com quem a conversa fluía, independente do tema. Ele era muito ligado à família e à religião, além da contagiante paixão pelo Líbano. Sem dúvida, seu legado permanecerá. ■

***José Luiz Janot é médico e presidente da Federação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras-PE**

“... *Charles Lotfi era um homem culto, inteligente, com quem a conversa fluía, independente do tema. Ele era muito ligado à família e à religião*”

FOTO: DIVULGAÇÃO

UM HOMEM SINGULAR

Com uma vida dedicada à comunidade - em suas duas pátrias, Brasil e Líbano - Charles Lotfi deixou um exemplo a ser seguido pelos que valorizam a liberdade e a evolução dos povos

POR JOSEPH RIACHI



O empresário Joseph Riachi

“**C**harles Lotfi nasceu no Brasil, em 1929, na cidade de Corumbá (Mato Grosso do Sul), filho dos libaneses Olga Abdi Lotfi e Milhem Lotfi. Aos dez anos embarcou com os pais e a irmã mais nova, Carole, rumo ao Líbano para conhecer a terra dos antepassados. A família havia programado uma viagem de três meses, porém no dia da chegada em Beirute, eclodiu a Segunda Guerra Mundial. Os Lotfi então se estabeleceram no país até o final do conflito. Charles fez seus estudos lá, tornando-se fluente em árabe, francês e inglês. Aos 17 anos voltou ao Brasil - sozinho, antes da família - em busca de trabalho e de um futuro melhor.

Mas o grande amor de Charles Lotfi foi, sem dúvida, o Líbano. Dedicou a vida à causa libanesa. Era incansável em seu trabalho na entidade que ajudou a fundar, a Confelibra (Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras), viajando por todo

o Brasil a fim de mobilizar e unir as comunidades libanesas em torno do mesmo ideal e da difusão cultural entre os dois países. Chegou a criar o prêmio Cedro do Líbano, para homenagear artistas e intelectuais brasileiros de ascendência libanesa.

Em 1989, liderou um grupo com vários representantes das comunidades libanesas no Brasil em uma viagem aos

Estados Unidos, com o objetivo de pedir uma intermediação no conflito entre Líbano e Sírio, ameaçando a soberania libanesa. Foram à sede da ONU, em Nova York, e ao congresso americano, em Washington.

Sobretudo, o valioso legado de Charles Lotfi revela-se cultural e patriótico. Dificilmente será substituído hoje com tanto êxito e carisma, que eram as características singulares desse grande homem. ■

***Joseph Riachi é empresário e presidente da União Comercial de São Paulo**

FOTO: ARQUIVO CARTA DO LÍBANO

O CRIADOR DA 'LIBANIDADE'

Conciliador, carismático e totalmente devotado à causa do Líbano, Charles Lotfi foi um grande líder da comunidade. Amigos e colaboradores lembram e celebram a trajetória desse libanês-brasileiro único

Segundo um de seus amigos, Antônio Chehin, atual presidente da Confelibra, o sonho de Lotfi era criar a Federação das Entidades Líbano-Brasileiras, voltada para a paz do Líbano. Um sonho concretizado em 1981, quando a entidade foi fundada - mais tarde transformada em confederação - com ele na presidência até 2010.

Chehin explica que a Confelibra é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com atuação em

todo território nacional e sede na capital paulista. "A Confederação é reconhecida hoje como legítima e maior representante da presença libanesa no Brasil, congregando 27 Federações das Entidades Líbano-Brasileiras", diz o presidente.

Assim a Confelibra estimula e fomenta o intercâmbio entre os dois países, bem como o estudo e a pesquisa da cultura e da história do Líbano por meio de cursos, seminários, conferências, feiras, exposições, turismo entre outras iniciativas. Atualmente, através da Federação do Rio Grande do Sul, está sendo realizado o intercâmbio universitário, com o encaminhamento de estudantes brasileiros para universidades libanesas e vice-versa.

Quando ocorreu a explosão no porto de Beirute, em agosto de 2020, a Confelibra enviou auxílio através de doações de insumos e solicitando medicamentos junto ao Ministério da Saúde, no que foi atendido prontamente pelo órgão. O auxílio financeiro para o povo libanês foi realizado através da Câmara de Comércio Líbano-Brasil.

Em 2021 a Confelibra completa quarenta anos de fundação e de acordo com Antônio Chehin, deverá ocorrer reunião das Federações dos Estados e do Distrito Federal para a discussão de objetivos

propostos pela instituição. A participação nos congressos da Diáspora Libanesa, suspensa temporariamente em razão da pandemia de Covid-19 que assola o mundo, deverá prosseguir. "Nosso objetivo será levar mais jovens para conhecerem suas raízes milenares e fazer o entrosamento com libaneses do além-mar", informou.

Chehin conta que conheceu Lotfi nos anos 80, quando estava fundando a Federação. "Não há palavras para falar sobre como foi trabalhar com o presidente Charles Lotfi. Uma pessoa de reputação e inteligência inabaláveis que, com humildade, perseverança e bom ânimo, nos influenciou com sua 'libanidade', o que nos fez buscar e amar mais ainda nossas raízes", declara.

"Histórias de libanidade contadas por Lotfi ficaram marcadas em nossas memórias. Ele estava sempre de bom humor e era otimista", lembra Chehin. Segundo ele, o criador da Confelibra buscava pessoas de todos os lugares para trabalhar em prol do Líbano, mesmo sem qualquer ligação com o país. "Isso encantava as pessoas que se interessavam em conhecer as histórias milenares do Líbano".

Mas o que vem a ser 'libanidade'? O ex-diretor da Confelibra, Carlos Moufarrege, acredita que a palavra foi inventada pelo próprio Charles Lotfi e até hoje é usada. "Muitos a ouviram pela primeira vez da boca dele. Se é Charles, Ali, Elias, não importa o nome, o que importa é ser libanês. Nós somos libaneses. Essa é a essência da palavra 'libanidade', que ele plantou e temos que continuar cuidando para a colheita ser farta para nossos filhos, netos e bisnetos". Moufarrege complementa dizendo que Lotfi era um homem apaixonado pelo Líbano: "Poderia existir alguém tão libanês quanto ele, porém não mais do que ele. Ele foi um exemplo".

Todas as pessoas que conversaram com Carta do Líbano foram unânimes ao afirmarem que Charles Lotfi sempre trabalhou em prol do Líbano, dedicando-se integralmente à união da comunidade libanesa no Brasil. Conhecido e querido por todos nessa comunidade, "único" e "insubstituível" foram predicados usados para defini-lo. "Charles Lotfi, respeitava desde o menor ao maior, sempre em prol das causas libanesas", confirmou Moufarrege.

Lotfi foi um líder respeitado e ouvido nas questões relativas ao Líbano, à diáspora libanesa e às relações líbano-brasileiras, tornando-se referência no assunto. Recebeu diversas homenagens pelo ativismo em prol do Líbano, principalmente quanto à soberania do país e à divulgação de sua cultura, onde destacam-se a Ordem Nacional do Cedro, do governo libanês, e a Ordem do Rio Branco, do governo brasileiro. Do estado que adotou como lar, recebeu a Medalha da Inconfidência Mineira. ■

DEPOIMENTOS

Alceu Cheuche: "Acompanhei de longe, desde jovem, o trabalho do incansável libanista Charles Lotfi. O muito amigo, já falecido Antônio Karini, aqui em Pelotas-RS, comentava dos eventos, das campanhas para o Líbano no tempo da guerra civil em que eles trabalharam juntos. A Sociedade Libanesa de Pelotas, a qual presido, e a Felibra-RS, da qual sou um dos representantes no Estado, sentem muito não contarmos mais com a dupla Charles Lotfi e Antônio Karini."

Nabih Abou el-Hosn, fundador e presidente da Federação das Entidades Líbano-Brasileiras na Região Norte do Brasil: "Era uma pessoa de inteligência e patriotismo extraordinários. Eu tenho orgulho de ter sido seu amigo."

Cesar Aziz Ary, presidente da Federação das Entidades Líbano-Brasileiras no Ceará: "Falar sobre Charles Lotfi é uma missão que particularmente me enobrece, pois ele era um nobre libanista. Foi ele quem me indicou como titular da Felibra-CE. Sua fidalguia nos contagiava, fortalecendo nosso amor pelo querido Líbano."



O atual presidente da Confelibra, Antônio B. Chehin



Ex-diretor da Confelibra, Carlos Moufarrege

FOTOS: DIVULGAÇÃO

ESPECIAL CHARLES LOTFI

CHARLES LOTFI, SHUKRÁN!

Uma amizade de trinta anos iniciada com um café com prosa. Nada mais simples e emblemático, como era a personalidade do “insubstituível embaixador honorário do Líbano no Brasil”

POR JOSÉ OSVALDO LASMAR

Em poucos minutos de prosa me dei conta da elegância, da inteligência do meu interlocutor, ao mesmo tempo simples e acolhedor. Sobretudo, me dei conta de que, no fundo, não sabia que o Líbano era aquele que me foi apenas explicado ser o país de onde meus avós vieram e que não se confundia com a Turquia, apesar de sermos chamados turcos.

Imagino que naquela manhã tenha ficado claro, para mim e para meu novo amigo e mestre, o tamanho do meu “problema”, mas também o tamanho do problema da diplomacia libanesa, da diáspora libanesa no Brasil e da República do Líbano. Um líbano-descendente, morador da terceira maior metrópole brasileira, graduado por uma das três maiores universidades públicas federais do País, mestrado e doutorado no exterior - naquele longínquo 1995 investido do cargo de pró-reitor da UEMG - se dava conta do elo perdido com a sua ancestralidade, da sua involuntária

renúncia à história e ao belo patrimônio cultural daquele pequeno país, perdido na intricada geopolítica do Oriente Médio.

Embora tudo indicasse que meu “problema” não era exceção, mas a regra, a constatação de que, no país que abriga a maior população de origem libanesa fora do Líbano, ser um líbano-descendente me dizia muito pouco, ou quase nada, nos foi, no mínimo, desconfortável.

Devagar, mas sem perder tempo, tratei de resgatar meu quinhão deste patrimônio histórico-cultural. Ainda me falta muito chão a percorrer e sempre me faltará. A caminhada não teria se iniciado sem aquela manhã de 1995. Maktub.

Na falta de uma política externa libanesa desenhada para preservar e fortalecer culturalmente a sua diáspora no Brasil, talvez o maior “soft-power” com que um País possa contar, tivemos a fortuna de ter Charles Lotfi entre nós. Culto, generoso, fez da defesa da integridade e divulgação do Líbano, da união dos líbano-brasileiros, uma missão de vida.

Livros sobre os fenícios, sobre o império turco-otomano, sobre São Marun e os maronitas, artigos sobre a ocupação do território libanês por tropas sírias e israelenses, postais e fotos de Beirute, Tiro, Baalbek, Biblos. Passa lá no escritório do bairro São Pedro que tem. Informações sobre instituições líbano-brasileiras, de Manaus a Porto Alegre. Passa lá no escritório do bairro São Pedro que tem.

Idem para encontros da Confederação de Entidades Líbano-Brasileiras, em São Paulo, em Goiás, no Rio de Janeiro. O presidente e fundador

“Na falta de uma política externa libanesa desenhada para preservar e fortalecer culturalmente a sua diáspora no Brasil, ... tivemos a fortuna de ter Charles Lotfi entre nós”

“O senador Pedro Simon nos receberá para tratarmos do seu pronunciamento, um dos mais brilhantes manifestos pela paz no Líbano, na Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal”

da Confederação não apenas lhe convida e expõe as pautas de reuniões como, generosamente, lhe consulta e ouve sugestões.

O senador Pedro Simon nos receberá para tratarmos do seu pronunciamento, um dos mais brilhantes manifestos pela paz no Líbano, na Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal. Convidados pela Capes, nos encontraremos com o ministro da Educação, Fernando Haddad, e representantes das seis maiores universidades libanesas, na UnB. Convocados para colaborarmos na organização da agenda de visita do embaixador Chidiac, do embaixador el-Khoury, do patriarca da Igreja Católica Siríaca. Nos intervalos entre uma e outra “missão”, tempo para um café com prosa, histórias e memórias.

Capela de Nossa Senhora do Líbano, Lar Druzo Brasileiro, Igreja Siríaca do Sagrado Coração de Jesus, Centro Islâmico de Minas Gerais, em pleno funcionamento. “Al-hamdullah”, diria o meu saudoso e devoto amigo melquita. Igreja Ortodoxa de São Jorge, Igreja Melquita, tristemente fechadas. O Líbano confessional, o “pacto libanês”, replicado em terras de Minas, assim nos foi ensinado como um chamamento à convivência e à fraternidade, mensagem e prática deste nosso insubstituível “Embaixador Honorário” do Líbano no Brasil. ■

*José Osvaldo Lasmar é professor, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e diretor da ACMinas



O professor José Osvaldo Lasmar e Charles Lotfi

FOTO: DIVULGAÇÃO

O CHEFE QUERIDO POR TODOS

No trabalho, Charles Lotfi sabia cativar, incentivar e prestigiar sua equipe e colaboradores. Diante de alguma contrariedade desabafava em árabe, para ninguém entender. Como conta, sua secretária na ACMinas

POR VIVIANE ANDREIA RIBEIRO

“**O** que dizer de um homem tão íntegro, gentil, educado, impecável e charmoso, elegante na forma de se vestir e se portar perante as pessoas? Na convivência diária na ACMinas, o dr. Charles nos deixou um legado: ser gentil sempre e não fazer diferença entre as pessoas.

Ele era um verdadeiro líder na forma inteligente e simples de tomar decisões. Respeitado e querido por todos, suas reuniões e eventos lotavam auditórios. Nunca faltava ao trabalho e era o primeiro a chegar.

O dr. Charles era engraçado. Poliglota, quando queria desabafar falava em árabe, assim ninguém sabia o que ele estava dizendo. Depois, morria de rir.

Presidente da ACMinas, de 2007 a 2010, sua tratativa como chefe foi profissional, calma e

humana com todos os funcionários e a diretoria da Entidade. Seu coração era diferenciado, escutava, dava conselhos e reconhecia o valor de cada um. Um verdadeiro gentleman.

No Natal, durante sua gestão, saíamos às ruas para comprar presentes para os funcionários, ninguém ficava sem ganhar o seu. Fim de ano, ele percorria todos os andares da ACMinas, anotava o tamanho de todos e dava uma calça comprida de presente para cada um. Todos os seus aniversários eram comemorados na entidade, fazíamos aquela vaquinha e comprávamos um presente para ele. Era nítido o brilho nos olhos dele pelo reconhecimento de todos.

Dr. Charles foi chefe, líder, conselheiro e um grande amigo. ■

*Viviane Andreia Ribeiro é secretária da Associação Comercial e Empresarial de Minas - ACMinas

FOTO: ACMINAS



Charles Lotfi prestigia a equipe da ACMinas: Patrícia Franco, Juliana Vidigal, Maria Aparecida, Viviane Andreia Ribeiro, Margareth Viegas e Eliana Lanza

“*No Natal, durante sua gestão, saíamos às ruas para comprar presentes para os funcionários... Fim de ano, ele percorria todos os andares da ACMinas, anotava o tamanho de todos e dava uma calça comprida de presente para cada um*”

ESPECIAL CHARLES LOTFI

O GUARDIÃO DO LIBANISMO NO BRASIL

Charles Lotfi junta-se à galeria de grandes personalidades que mantêm acesa a chama do amor pelo Líbano e da gratidão ao Brasil

POR ROBERTO HABIB

“**V**ivemos em um período universal de luto, decorrente desta pandemia, em que perdemos amigos e conhecidos, alterando nossas vidas e nos distanciando das pessoas para a preservação de todos.

Assim, durante o ano inteiro de 2020 e avançando por estes três meses iniciais de 2021, recebemos as tristes notícias de companheiros que nos deixavam, sem que deles pudéssemos despedir-nos, entristecendo-nos, figuras tão queridas quanto importantes que foram para a nossa comunidade. Isto em meio à perda de uma multidão de desconhecidos, irmanados na tragédia genocida, todos condenados mortalmente por esta infecção, que só será vencida pela vacinação que começou a ser disponibilizada há pouco tempo, pelo esforço hercúleo destes grandes e injustiçados heróis

que são os cientistas, propiciadores do único instrumento de cura, independentemente da fala dos irresponsáveis.

Em meio a esta situação deletéria, fomos emissores e receptores de informações nada evangélicas, que ninguém gostaria de veicular, mas que se impõem pela relevância do tema e do momento. Entre muitas notícias que demos e recebemos, uma nos calou fundo, a que recebi do responsável por este órgão de imprensa de nossa comunidade, o jornalista Fouad Naime, informando-nos o falecimento do grande líder da coletividade líbano-brasileira, o agora saudoso Charles Lotfi.

O inesquecível amigo que, após comandar a Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras - sendo uma figura onipotente, onipresente e onisciente em todos os momentos estratégicos das instituições congregadoras de nossos conterrâneos, espalhados por todo este país-continente que nos recebeu de braços



abertos - cedeu à limitação humana, que em determinado momento de nossa trajetória terrena nos faz trocar a força física pela experiência e pelo conhecimento.

Isto fê-lo passar o comando executivo para seus pares, o que não o impediu de continuar a ser uma referência estratégica para os que tivessem de tratar de quaisquer interesses de nossa gente e suas entidades.

O seu desaparecimento, em dezembro de 2020, nos priva do carisma pessoal, da competência profissional e social e do espírito público que o fez galgar posições relevantes em Minas Gerais, no Brasil e no Líbano. Misturando a sua imagem à da (con) federação, que conduziu por tanto tempo, de tal forma que a chegada do eminente líder correspondia à presença da própria entidade que presidia.

Fui testemunha deste rico percurso comunitário do inesquecível amigo Charles Lotfi, recebendo dele a incumbência de esboçar a reforma do estatuto da Federação Nacional das Entidades Líbano-

“**O seu desaparecimento nos priva do carisma pessoal, da competência profissional e social e do espírito público que o fez galgar posições relevantes em Minas Gerais, no Brasil e no Líbano**”

Brasileiras. Juntamente com o companheiro Marcos Maurice Moussalem, atual chefe de gabinete do titular do Consulado Geral do Líbano no Rio de Janeiro. Trabalho que foi encaminhado ao plenário da referida entidade e, uma vez aprovado, transformou a antiga federação na atual

FOTO: ARQUIVO CARTA DO LÍBANO

Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras, alterando o organograma das entidades estaduais subordinadas à Confederação, que se passaram a denominar Federações Estaduais.

Sem qualquer desdouro em relação aos demais componentes do corpo diretivo da Confederação, a referência a esta entidade nos levará à lembrança do inolvidável Charles Lotfi por toda a herança de dignidade e competência que deixou para todos nós.

O dr. Charles Lotfi soma-se assim a outros baluartes do libanismo no Brasil, como Adib Jatene, Alfredo Caram, Antônio Houaiss, Evanildo Bechara, Jamil Haddad, Emir Khalil Ayoubi, Mansour Challita e Wilson Choeri. Constituindo uma brilhante geração que nos orgulhou, ajudando-nos, com sua atuação, a pagar da única forma de que dispúnhamos a dívida de gratidão que temos em relação ao Brasil, que disponibilizou seu território, população, ambiente e solidariedade aos que, como nós, escolheram este país fraterno para recomeçar sua vida em condições melhores.

Ao terminar estas linhas, insuficientes para projetar toda a grandeza do dr. Charles Lotfi, lembramos a ocasião em que ele me encomendou um artigo para a revista da confederação por ele conduzida, o que atendi prontamente. Enviando a colaboração solicitada, recebi dele a informação de que o texto não seria utilizado por incluir elogios à sua atuação

“**Constituindo uma brilhante geração que nos orgulhou, ajudando-nos, com sua atuação, a pagar da única forma de que dispúnhamos a dívida de gratidão que temos em relação ao Brasil**”

“**Sem qualquer desdouro em relação aos demais componentes do corpo diretivo da Confederação, a referência a esta entidade nos levará à lembrança do inolvidável Charles Lotfi**”

comunitária, em uma prova de modéstia explícita. Mais do que isso, um exemplo de atitude configuradora do grande caráter do ilustre amigo desaparecido.

Dizem que homenagens se fazem aos mortos, todavia, de acordo com famosa declaração de Rui Barbosa, o Águia de Haia, há “Igualdade para os iguais e desigualdade para os desiguais”. Adaptando tal premissa ao contexto atual da comunidade líbano-brasileira, podemos constatar que o dr. Charles Lotfi é uma exceção benfazeja, destacando-se como uma joia preciosa de serviço, honestidade de propósitos e de amor aos seus conterrâneos, ao Brasil e ao Líbano.

Felizmente, mesmo não tendo recebido minhas modestas palavras de reconhecimento - que nada faziam a não ser constatar sua brilhante trajetória - ele recebeu em vida, do Consulado Geral do Líbano do Rio de Janeiro, o prêmio “Distinção” durante o 130º Aniversário da Imigração Libanesa no Brasil, fazendo-se então justiça, não através de linhas tortas, a este que, no seu tempo, nos fez realmente uma comunidade.

Parabéns, Fouad Naime, por esta iniciativa que nos proporcionou o privilégio de agradecer a este grande líder, Charles Lotfi, por manter acesa a chama do libanismo no Brasil.

Que Deus lhe dê o justo descanso, querido dr. Charles Lotfi! ■

***Roberto Habib foi diretor do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro**

ESPECIAL CHARLES LOTFI

CHARLES LOTFI, UM RETRATO PESSOAL

Personalidade decisiva e marcante para a cultura e a economia da cidade e do estado em que viveu, ele fez de seu amor pelo Líbano uma luta e uma causa que uniu corações em todo o Brasil

POR PAULO SARKIS

“**E** escrever sobre o legado de Charles Lotfi parece-me um desafio intransponível. Personagem dinâmico em todas as suas atividades, Charles escreveu páginas importantes da vida empresarial de Belo Horizonte e de Minas Gerais. Mas, certamente, foram na árdua tarefa de dar uma identidade nacional à presença marcante da nossa descendência libanesa no Brasil onde mais se fizeram sentir suas qualidades de aglutinador, incentivador e negociador incansável.

Meu primeiro contato com Charles foi em meados dos anos 1990, quando recém tínhamos relançado a Sociedade Libanesa de Santa Maria após mais de 20 anos de descontinuidade do então Club Syrio Libanez, fundado em 1933. Nessa ocasião, para comemorar o relançamento do associativismo da comunidade libanesa local, foi programada uma série de eventos, inclusive com a presença do então

embaixador do Líbano, Ghazi Chidiac, em jantar típico festivo e outras solenidades no Legislativo, na Prefeitura e na Universidade. Na mesma ocasião tivemos a presença do presidente da Confelibra, Charles Lotfi, e do cônsul honorário do Líbano, Ricardo Malcon.

“**Escrever sobre o legado de Charles Lotfi parece-me um desafio intransponível. Personagem dinâmico em todas as suas atividades, Charles escreveu páginas importantes da vida empresarial**”

Charles demonstrava toda sua capacidade de mobilização e diálogo no detalhamento dos contatos e intervenções. Desde então, participei ativamente de todas ou quase todas as atividades da então Felibra, posteriormente Confelibra.

Para tentar descrever as qualidades demonstradas pelo Charles poderia escolher cuidadosamente as palavras e ainda assim teria falhado. Por isso me valho do texto que ele mesmo redigiu, publicou e distribuiu na preparação do grande evento, que seria realizado em Belo Horizonte, em 2006, comemorando os 25 anos da Confelibra. Esse registro foi escrito e distribuído após reunião preparatória ocorrida no Clube Monte Líbano de São Paulo. Ele mostra as dificuldades enfrentadas e a orientação equilibrada e justa de um grande líder.

“A reunião realizada em abril, no Clube Monte Líbano, à qual compareceram dirigentes da Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras, presidentes e representantes de várias de nossas associações, foi alentadora tanto pelo expressivo comparecimento quanto pela relevância das ideias e dos temas debatidos.

A reunião foi aberta a debates de interesse geral, como o relacionado à união da família libanesa no Brasil, hoje prejudicada pelas dissensões alimentadas por egocentrismo destrutivo. Exigiu-se então o estabelecimento de uma ação permanente, em âmbito nacional, voltada para a confraternização da família Líbano-brasileira. E isto se fará por meio de reuniões e eventos que transmitam aos nossos jovens a imagem positiva

“*Charles demonstrava toda sua capacidade de mobilização e diálogo no detalhamento dos contatos e intervenções. Desde então, participei ativamente de todas ou quase todas as atividades*”

“*...não nos omitirmos do dever da vigilância constante sobre os acontecimentos no Líbano. Nunca poderemos descuidar da luta pela unidade do povo e do território libaneses*”

de nossa herança cultural.

Ao mesmo tempo, atentou-se para a necessidade de não nos omitirmos do dever da vigilância constante sobre os acontecimentos no Líbano. Nunca poderemos descuidar da luta pela unidade do povo e do território libaneses e, de modo especial, pela eternização da existência da nação libanesa.

Ficou assim patente a nossa determinação de dar ênfase ao objetivo de valorizar a presença libanesa no Brasil, honrando nossa condição de cidadãos brasileiros comprometidos, desde os primeiros tempos da imigração, com o desenvolvimento desta Pátria dadivosa e acolhedora.

Todos nós presentes à profícua reunião de 6 de abril deliberamos erradicar de nosso meio os sentimentos estéreis da pequenez sectária e abrir o coração à grandeza de alma característica do libanês, aqui traduzida pela fidelidade absoluta ao Brasil e pela nossa total identificação com seus interesses inalienáveis.

Temos certeza do grande sucesso que será a comemoração dos 25 anos da Confelibra em BH, quando faremos a Assembleia Geral e a entrega do Prêmio Líbano Eterno.”

A Assembleia dos 25 anos ficou marcada para mim, de modo especial, pelo acolhimento que o Presidente, com sua visão e perspicácia, deu à nossa proposta de criação do Departamento de Intercâmbio Acadêmico da Confelibra. O departamento foi responsável por eventos e ações marcantes no relacionamento entre as universidades dos dois países. ■



Visitando a Prefeitura de Santa Maria, da esq., para dir: Charles Lotfi, Paulo Jorge Sarkis (Sociedade Libanesa de Santa Maria), Avelino Coletti (Câmara de Comércio), cônsul honorário Ricardo Malcon, embaixador Ghazi Chidiac e o prefeito de Santa Maria, Evandro Bher



O professor Paulo Sarkis

FOTOS: DIVULGAÇÃO

“*A Assembleia dos 25 anos ficou marcada para mim, de modo especial, pelo acolhimento que o Presidente deu à nossa proposta de criação do Departamento de Intercâmbio Acadêmico da Confelibra*”

UM BOM AMIGO

Joseph Kerbej conheceu Charles Lotfi no colégio, no Líbano, e celebra sua trajetória como promotor da paz no país dos cedros

Realmente senti muito a morte dele”, disse o empresário Joseph Kerbej, que conheceu Charles Lotfi na infância, colega de escola, no Líbano. “Ele foi para lá com os pais, no início da Segunda Guerra. Era um garoto ainda e estudou no melhor colégio oriental, na cidade de Zakle, onde nos tornamos amigos”. Kerbej lembra que o amigo retornou ao Brasil em 1945.

O empresário descreve Lotfi enaltecendo as qualidades que admirava nele: “Era um cara muito legal, honesto, inteligente, estudado, preparado e poliglota”, enumera. Saúda a trajetória de Lotfi por ele ter colocado toda a sua habilidade trabalhando pela paz na pátria mãe, inclusive participando da missão na sede da ONU, em Nova York. “Mas a vida é assim mesmo”, conclui Kerbej, emocionado com a perda.

FOTOS: ARQUIVO CARTA DO LÍBANO

NOSSO AMIGO CHARLES

Ao travar amizades com pessoas dos mais diversos segmentos da sociedade, Charles Lotfi estabelecia uma verdadeira confraria formada por filhos do Líbano e do Brasil. Trabalho, educação, evolução e bem comum determinavam suas pautas e objetivos

POR NACIB HETTI

Quando digo que Charles Lotfi foi meu amigo, na verdade estou dizendo que ele foi amigo de todos, foi amigo do mundo. Após a morte de meu pai, eu me desliguei do ambiente formado pela colônia libanesa de Belo Horizonte e pensei que seria uma ruptura definitiva. Mas, lá na frente havia uma pessoa diferente que me fez voltar para o meio do qual nunca deveria abdicar. Ao desfrutar da amável figura do meu amigo Charles eu retomei meu interesse pelo Líbano e suas circunstâncias e, ao seu chamamento, passei a integrar os diversos eventos e instituições que envolvem o Líbano.

To Dois fatos políticos fortaleceram minha admiração e respeito pelo Charles, quando ele se manifestou publicamente em duas peças discursivas impecáveis. A primeira na solenidade em que recebeu o título de cidadão mineiro, na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, e a segunda quando discursou na passagem da presidência da Associação Comercial e Empresarial de Minas. Ali e aqui, ele deixou clara sua

preocupação com o futuro do país e da humanidade. Aproveitou brilhantemente a oportunidade para lançar o ótimo trabalho denominado “O Brasil e a Nova Década”, constando de uma coletânea de artigos escritos por eminentes políticos e cientistas brasileiros, todos seus amigos, preocupados com o desenvolvimento econômico e social.

A vida e o trabalho do Charles são uma cartilha para aqueles que tiveram a oportunidade de trabalhar com ele. É ingrediente para orientar a formação de uma consciência coletiva e criar condições para formar um grupo de pressão consistente, empurrando nossos governantes em direção a uma política lógica, coerente com os novos tempos visualizados por ele. A nós, resta criar condições institucionais para acompanhar as preocupações e propor soluções. Não basta ser apenas otimista. Temos a obrigação de participar. Cada um com a ferramenta que tiver às mãos, como fazia o nosso amigo Charles. ■

***Nacib Hetti é diretor da Associação Comercial de Minas Gerais**

FOTO: ACOMINAS



Amigos de infância: Joseph Kerbej e Charles Lotfi

O LÍBANO É UMA MENSAGEM

GABY AMINE MADI

Perdemos o convívio com um ser humano excepcional, diferenciado, patriota, que pertenceu a um país que marcou o mundo no alfabeto fonético, na navegação, na ciência e nos valores... Sempre acreditou que o Líbano não é um país entre outros, mas sim uma missão, uma mensagem. Eterna seja a sua memória.”

O empresário Gaby Amine Madi e Charles Lotfi



ESPECIAL CHARLES LOTFI

UM VERDADEIRO ESTADISTA

A avaliação é de um dos grandes amigos e parceiros de Charles Lotfi na ACMinas. Instruído, poliglota, carismático e bem articulado, Lotfi realizou tarefas de grande importância política e impacto social

POR ANTÔNIO MALUF



O empresário Antônio Maluf

“Falar sobre Charles Lotfi é para mim uma honra e um privilégio. Fomos amigos e companheiros de batalhas durante quatro décadas. Homem de uma invejável cultura, elegante, ético, dotado de rara sabedoria e sensibilidade.

Como presidente da ACMinas, Charles Lotfi priorizou sempre um trabalho colegiado, com participação intensa dos vice-presidentes e diretores.

Na área operacional, os serviços prestados pela entidade ao empresariado. Nos grandes eventos, o Salto em Negócios marcou a edição de 2010. Mulheres Empreendedoras fazendo sucesso, seminários, cafés parlamentares, palestras de grandes empresários, executivos e políticos. Incentivou também o empreendedorismo entre os jovens.

As duas edições do SEMER, um grande seminário sobre energias renováveis, cujas

proposições foram apresentadas ao governo de Minas. O evento CRIO - Crie suas próprias oportunidades. A qualidade dos palestrantes e dos debates foram a marca deste evento promovido pela nossa ACMinas, no Palácio das Artes, completamente lotado.

Em agosto de 2009, a ACMinas organizou uma delegação de empresários e diretores para uma viagem ao Egito. Charles Lotfi redigiu uma carta de apresentação, em árabe, ao governador de Alexandria, general Adel Labib, que nos recebeu com toda atenção, abrindo as portas da cidade para a nossa delegação.

Charles Lotfi era um verdadeiro estadista.

Competência, dedicação e brilhantismo, foram fatores fundamentais de seu sucesso e a ACMinas agradece! ■

*Antônio Maluf é empresário

FOTO: DIVULGAÇÃO



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000



VESTI medicina BULAR

UNILAGO 2021.2



INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ
22 DE MAIO

PROVAS
20 DE JUNHO

INFORMAÇÕES PELO SITE
UNILAGO.RIOPRETO.BR/MEDICINA

inscrições abertas



**ACESSE PARA UM TOUR VIRTUAL
EM NOSSOS LABORATÓRIOS**

DIFERENCIAIS MEDICINA UNILAGO



CENTRO DE
SIMULAÇÃO



AVALIAÇÕES
ONLINE



PROJETO
HOMEM VIRTUAL



HISTOPATO
DIGITAL



VOCÊ SABIA QUE A UNILAGO TAMBÉM OFERECE

+40 CURSOS

COM VESTIBULAR DIGITAL ABERTO?

= PROVAS AGENDADAS =
PRESENCIAIS OU ONLINE



ÁREAS DO
CONHECIMENTO

■ SAÚDE

■ EXATAS

■ HUMANAS

INSCREVA-SE PELO NOSSO SITE
UNILAGO.RIOPRETO.BR